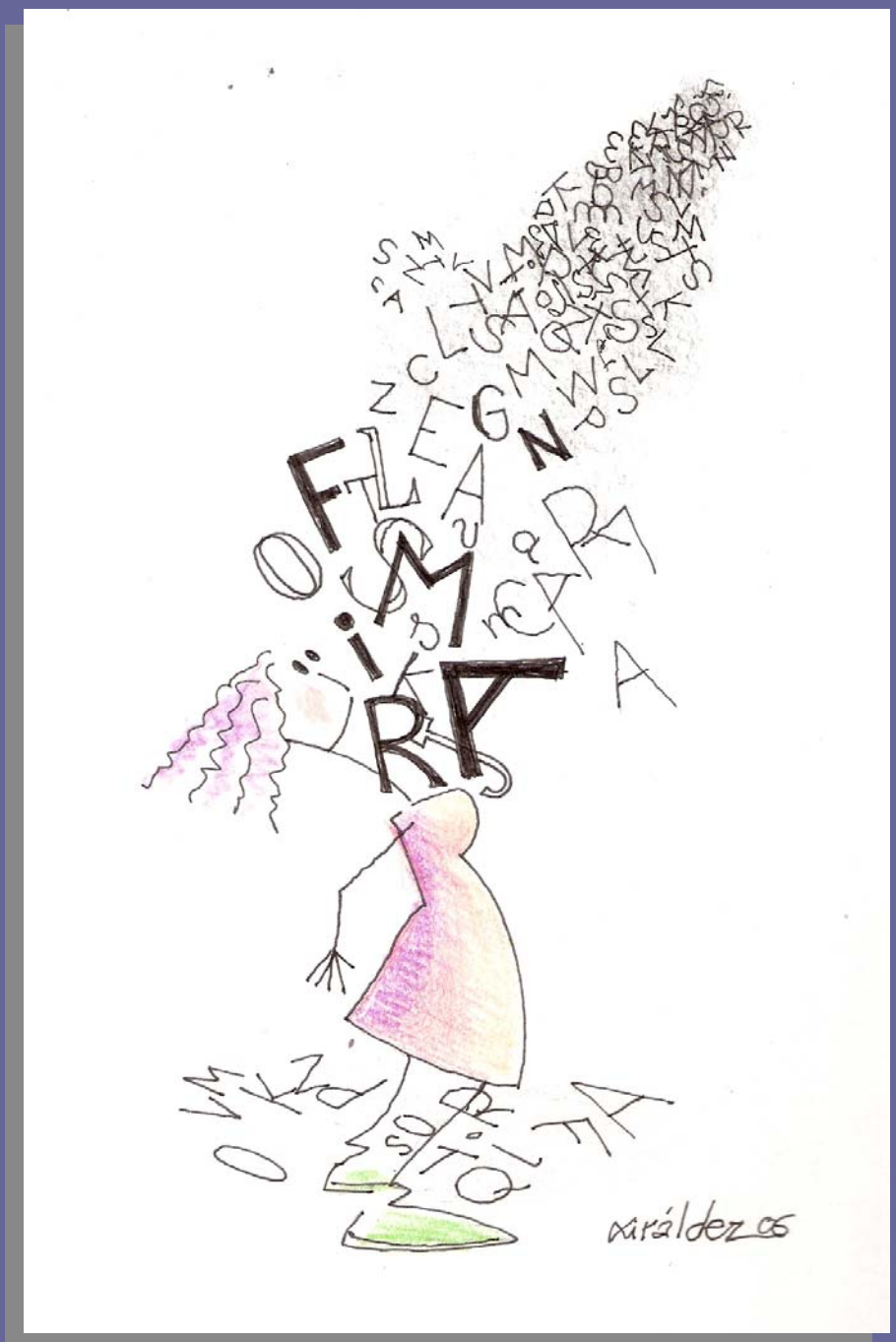
Manual para o uso não sexista da linguagem



O que bem se diz... bem se entende

MANUAL PARA O USO NÃO SEXISTA DA LINGUAGEM

O que bem se diz... bem se entende

Coordenação do Projeto: Julia Pérez Cervera
Autoras: Paki Venegas Franco e Julia Pérez Cervera
Revisão de estilo: Enrique Manzo Mendoza
Ilustrações: Xiráldez
Versão em português: Beatriz Cannabrava

O original terminou-se de imprimir em dezembro de 2006, nas oficinas de Aliusprint S.A. de C.V. Esta nova impressão foi realizada por PROTECA

Esta terceira impressão foi realizada com fundos do UNIFEM

A edição em português foi realizada com o apoio da REPEM (Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina) para ser distribuída por Internet para o Brasil e países africanos de língua portuguesa.

ÍNDICE

Apresentação

Capítulo 1:
O papel da linguagem como agente socializante de gênero

Capítulo 2:
O gênero na Gramática

Capítulo 3:
O sexo das Pessoas

Capítulo 4:
A Gramática e a Semântica

Capítulo 5:
O uso do neutro. O uso de genéricos

Capítulo 6:
Profissões exercidas por mulheres

Capítulo 7:
O uso de Gerúndio e outras estratégias

Capítulo 8:
A linguagem Administrativa

Capítulo 9:
Documentos com linguagem sexista

Bibliografia e anexos

Equipe de trabalho

Apresentação

“Não se esqueça que o pensamento se modela graças à palavra, e que só existe o que tem nome” **(1)**
“Em um mundo onde a linguagem e o nomear as coisas são poder, o silencio é opressão e violência” **(2)**

O porquê deste manual

Na atualidade não existe qualquer sociedade no mundo onde mulheres e homens recebam um tratamento equitativo, pois se constata uma discriminação generalizada para elas em todos os âmbitos da sociedade. Essa discriminação sustentada unicamente no fato de ter nascido com um determinado sexo (mulher) atravessa categorias sociais como o nível sócio-econômico, a idade ou a etnia à que se pertença e se transmite através de formas mais ou menos sutis que impregnam nossa vida.

Uma das formas mais sutis de transmitir essa discriminação é através da língua, pois esta nada mais é que o reflexo de valores, do pensamento, da sociedade que a cria e utiliza. Nada do que dizemos em cada momento de nossa vida é neutro: todas as palavras têm uma leitura de gênero. Assim, a língua não só reflete, mas também transmite e reforça os estereótipos e papéis considerados adequados para mulheres e homens em uma sociedade. Pensemos naquilo que tenta transmitir frases cotidianas como “ser velha é o último”, “os filhos são os que as mães fizeram deles”, “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, “mulher que muito aprende, não tem marido que a agüente”.

Existe um uso sexista da língua na expressão oral e escrita (nas conversações informais e nos documentos oficiais) que transmite e reforça as relações assimétricas, hierárquicas e não equitativas que se dão entre os sexos em cada sociedade e que é utilizado em todos os seus âmbitos. Dentro deles queremos destacar o administrativo, uma vez que não é uma prática habitual contemplar e incluir em seus documentos um uso adequado da linguagem. Basta ler alguns documentos ou escutar as mensagens telefônicas das repartições públicas para poder detectar que se continua usando o masculino como linguagem universal e neutra. Nega-se a feminização da língua e ao fazê-lo estão tornando invisíveis as mulheres e rechaçando as mudanças sociais e culturais que estão ocorrendo na sociedade.

Tudo isso torna patente a necessidade e a urgência de fomentar o uso de uma linguagem inclusiva para ambos os sexos nas instituições públicas, evitar a confusão, negação ou ambigüidade; é isso que iremos aprofundando ao longo destas páginas. Em si, a língua não é sexista, embora o seja o uso que dela fazemos. Por isso, a única forma de mudar uma linguagem sexista, excludente e discriminatória, seja explicar qual a base ideológica em que ela se sustenta, assim como oferecer alternativas concretas e viáveis de mudança.

Todas essas considerações colocam em questão a necessidade de elaborar um recurso didático que facilite o uso correto da língua e foram elas que levaram à formulação do presente manual cujo objetivo geral é precisamente proporcionar às e aos funcionários públicos uma ferramenta clara e simples que lhes sirva para a implementação e o uso de uma linguagem inclusiva nas práticas escritas e orais das instituições onde trabalham, especialmente aquelas que desenvolvem, direta ou indiretamente, programas de atendimento à população.

Com a consecução deste objetivo aspiramos promover, dentro das instituições públicas, o uso de uma linguagem inclusiva onde seja visível a presença, a situação e p papel das mulheres na sociedade em geral e no discurso da administração púbica em particular, tal e como ocorre com os homens. Pretendemos assim contribuir para eliminar dos documentos, ofícios, relatórios, circulares, convocatórias, cartazes, materiais didáticos, etc. (elaborados nessas instituições) o uso de uma linguagem sexista-discriminatória e utilizar uma alternativa de uso correto que contribua para a equidade de gênero.

Sua estrutura e conteúdo

Nos nove capítulos que formam este manual o que se pretende é desenvolver e contribuir com as bases conceituais necessárias, bem como opções de mudança para conseguir o objetivo geral que nos propusemos anteriormente.

O primeiro capítulo: “O papel da linguagem como agente socializante de gênero”, constitui o marco conceitual deste manual e por isso é de vital importância seu entendimento. Os conteúdos que aí se tratam são: a teoria sexo-gênero, a socialização de gênero, o papel ativo da linguagem dentro dela e como ela pode contribuir para criar e fomentar a discriminação exercida contra as mulheres.

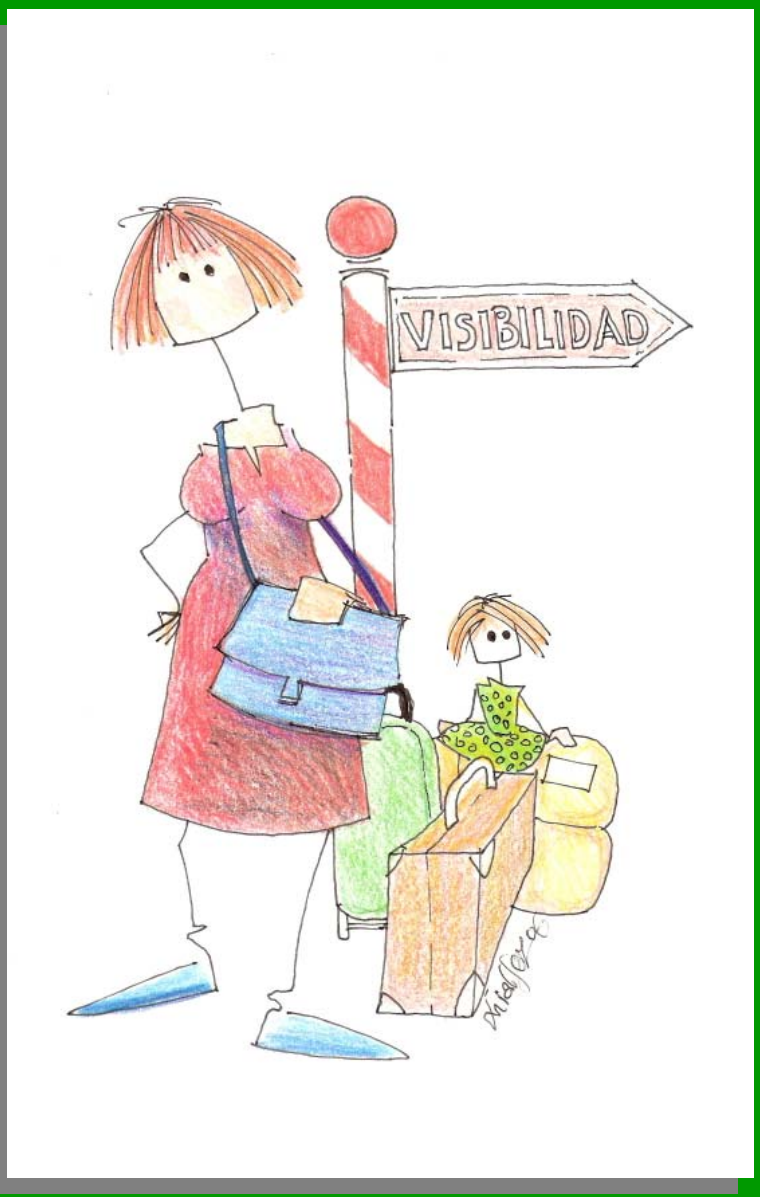
Nos restantes capítulos serão intercaladas as bases conceituais com as opções de mudança. Os conteúdos abordados abrangem desde as principais manifestações do sexismo e androcentrismo na língua, manifestações desenvolvidas através do uso do masculino como presumível genérico, os saltos semânticos, os vazios léxicos até o uso diferenciado nos tratamentos, nos usos de cortesia ou na invisibilidade das mulheres em ofícios e profissões. Também se aborda de maneira específica a linguagem administrativa e são analisados diferentes tipos de documentos utilizados na administração pública para oferecer sugestões de melhoria, de forma que se faça um uso adequado da língua, um uso que não reproduza injustiças de gênero.

Em geral, quisemos fazer um manual com um caráter propositivo porque seu objetivo mais imediato é proporcionar ferramentas que contribuam para “mudar a sociedade atual”, pois ao promover que as mulheres sejam nomeadas por elas mesmas estaremos potencializando uma mudança de mentalidades que conduzirão à criação de uma sociedade mais justa e

equitativa. Este é o desafio. Esperamos poder contagiar nosso entusiasmo e a ilusão com a qual elaboramos este manual e que sua leitura e posta em prática sejam um prazer e uma aprendizagem para todas e todos a cujas mãos chegue, da mesma forma que foi para nós.

Capítulo 1

O papel da Linguagem como Agente Socializante de Gênero



“Caladinha você é mais bonitinha”

“As línguas não se limitam a ser um simples espelho que nos devolve a imagem de nosso rosto: como qualquer outro modelo idealizado, como qualquer outra invenção cultural, as línguas podem levar-nos a compor nossa percepção do mundo e inclusive a que nossa situação se oriente de uma determinada maneira”. (3)

Desde nosso nascimento, a inclusive antes, quando nossa mãe está grávida, todos os nossos comportamentos e pensamentos estão condicionados pelo gênero. O primeiro que se pergunta a uma mulher grávida ou a seu companheiro é o sexo do futuro bebê y qual seria sua preferência a respeito. De forma que, da futura mãe ou pai é comum ouvir frases do tipo: “prefiro menina porque elas são mais carinhosas”, prefiro menina para que me cuide quando seja mais velha” ou “prefiro menino porque são mais independentes”, “prefiro um menino que continue com o negócio da família”. Em sua explicação já atribuem ao futuro bebê características, comportamentos, atitudes, interesses, prioridades... que serão diferentes conforme se trate de uma menina ou de um menino.

Nossa identidade, feminina ou masculina, está, portanto, condicionada, determina-nos em nosso agir, sentir e pensar conforme sejamos mulheres ou homens. Tudo isso unido à crença de que somos diferentes e em função disso, a sociedade nos valoriza de forma desigual.

Não obstante, as únicas diferenças reais entre mulheres e homens são as biológicas: diferenças que são inatas, ou seja, nascemos com elas. Assim, temos cromossomas diferentes; dos 23 pares de cromossomas que tem a espécie humana, um par se diferencia sendo XX para as mulheres e XY para os homens. Desse modo mulheres e homens têm características sexuais diferentes: genitais internos e externos, e características secundárias como os pelos, a voz ou os seios. Portanto, o sexo faz referência às diferenças biológicas que existem entre mulheres e homens, São congênitas, nascemos com elas e são universais, ou seja, são iguais para todas as pessoas. (4)

Todas as demais diferenças que se atribuem a mulheres e homens, sensibilidade, doçura, submissão, dependência, fortaleza, rebeldia, violência, independência são culturais e, portanto, aprendidas; é uma construção cultural chamada gênero. O gênero, feminino ou masculino, que nos adjudicam ao nascer, alude ao conjunto de atributos simbólicos, sociais, políticos, econômicos, jurídicos e culturais, atribuídos às pessoas de acordo com seu sexo. São características históricas, social e culturalmente designadas a mulheres e homens em uma sociedade com significação diferenciada do feminino e do masculino, construídas através do tempo e que variam de uma cultura a outra. Portanto, modificáveis (5). Da mesma forma, o gênero está institucionalmente estruturado, isto é, é construído e se perpetua através de todo um sistema de instituições sociais (família, escola, Estado, igrejas, meios

de comunicação), de sistemas simbólicos (linguagem, costumes, ritos) e de sistemas de normas e valores (jurídicos, científicos, políticos). (6)

A partir do conceito "gênero" surge o que se denomina de sistema sexo-gênero que consiste em que pelo fato de nascer com um determinado sexo, mulher/homem, isto é, com algumas diferencias biológicas, nos é atribuído um gênero, feminino ou masculino, como mencionamos anteriormente. Além disso, há uma valorização social das habilidades, comportamentos, trabalhos, tempos e espaços masculinos e uma desvalorização dos femininos. Assim, partindo de uma diferença biológica, constitui-se uma desigualdade social que coloca na sociedade as mulheres em uma posição de desvantagem com relação aos homens. (7)

O sistema de gênero em uma sociedade determinada estabelece, dessa maneira, o que é "correto", "aceitável" e possível para mulheres e homens. Os papéis que se atribuem para mulheres e homens (mulher-mãe, dona de casa, responsável pelas tarefas associadas à reprodução familiar; homem-pai, provedor, chefe de família) juntamente com as identidades subjetivas, cumprem um papel importante na determinação das relações de gênero.

Esse sistema de gênero é transmitido, aprendido e reforçado através de um processo de socialização que vamos aprofundar em seguida.

A socialização de gênero

A socialização é o processo de aprendizagem dos papéis sociais. É um processo no qual se está imerso inclusive antes de nascer, nas expectativas que nossa futura família tem sobre nós e pelo qual aprendemos e interiorizamos as normas, valores e crenças vigentes na sociedade. Uma das características mais importantes da socialização, dada sua relevância, é a socialização de gênero; processo pelo qual aprendemos a pensar sentir e comportar-nos como mulheres e homens segundo as normas, crenças e valores que cada cultura dita para cada sexo.

Basicamente seria a aprendizagem dos papéis expressivos para as mulheres e dos papéis instrumentais para os homens, associada à valorização superior dos homens e às características estereotipadas femininas e masculinas. Através dessa socialização, diferente em cada cultura, é que nos ensinam, como já dissemos, aqueles modelos de conduta que são aceitos socialmente para mulheres e homens e quais não são, assim como as conseqüências que tem a adoção ou transgressão desses modelos.

O processo de socialização de gênero se desenvolve ao longo de toda a vida e é transmitido por meio dos diferentes agentes de socialização: família, escola, meios de comunicação e linguagem, entre outros.

A família é o primeiro lugar onde nos inculcam o que é ser mulher e o que é ser homem e isso se reflete no tratamento cotidiano: atitudes que se reforçam e sancionam a umas e outros, jogos e brinquedos que se presenteiam, contos que se lêem a filhas e filhos... Assim, por exemplo, como se considera que as meninas são mais frágeis, brinca-se com elas com brinquedos menos brutos. Isso, ao longo do tempo pode efetivamente feminizar a conduta das meninas e masculinizar a dos meninos, não com base nas diferencias biológicas pré-existentes, mas através do progressivo amoldamento que se efetua no processo de aprendizagem social. Com relação aos jogos e brinquedos tem havido uma evolução: as meninas cada vez brincam mais e têm mais brinquedos considerados como "tipicamente masculinos"; não obstante, esse fato não se deu ao contrário, ou seja, encontramos muito poucos meninos brincando com panelinhas ou com bonecas.

A escola também desempenha um papel muito importante na socialização de gênero ao transmitir, dentro do currículo aberto e do oculto, estereótipos e condutas de gênero, reforçando dessa maneira os papéis adequados para mulheres e para homens em uma sociedade. Através do currículo oculto, o professorado dá um tratamento diferente a meninas e meninos. Já ficou demonstrado, por exemplo, que as professoras e os professores se conformam quando as meninas tiram notas baixas em matemática e, pelo contrário, redobram sua atenção quando o mesmo se dá com os meninos. O estereótipo subjacente é que como as meninas vão ser futuras donas de casa, a matemática lhes será menos útil que para os meninos que vão ser os provedores do lar e que seguramente seguirão alguma carreira universitária (8). Os materiais educativos também participam desta progressiva socialização discriminatória; as mulheres quase não aparecem nos livros didáticos e quando o fazem, aparecem como pouco ambiciosas, assustadiças, dependentes e não muito inteligentes. Os homens, pelo contrário, aparecem como indivíduos valentes e autônomos, ambiciosos e fortes. A isso há que acrescentar o uso de uma linguagem genérica masculina, entendida como neutra e que os protagonistas das histórias são quase três vezes mais homens que mulheres, o que tende a perpetuar a idéia de que os homens são mais importantes que as mulheres.

Os meios de comunicação constituem hoje em dia um dos mais importantes agentes de socialização de gênero. Através deles se transmite, de modo muito sutil e inconsciente, uma visão parcial e estereotipada das mulheres e dos homens. De forma que o papel atribuído ás mulheres, onde além do mais aparecem em menor porcentagem que os homens, é o de vítimas, artistas, objetos sexuais e ultimamente se está transmitindo muito a imagem da mulher "superwoman", bonita, inteligente, com estudos superiores, mãe de família e trabalhadora assalariada, amante e feliz com sua vida. É raro que apareçam mensagens nas quais se questione a dupla jornada de trabalho

desempenhada por essas mulheres ou nas que as protagonistas sejam mulheres que detenham o poder ou sejam consultadas como especialistas.

Por outro lado, os homens costumam ser representados em profissões de mais status social: políticos, esportistas ou empresários e muito poucas vezes aparecem em anúncios relacionados com a manutenção da casa. Além disso, a maior parte da publicidade de artigos caros como carros e casas costuma ser dirigida a eles e se transmite a posição de autoridade masculina usando sua voz em "off" em anúncios publicitários ou jornalísticos.

A comunicação nas instâncias públicas. Da mesma forma que para muitas pessoas o que aparece na televisão é "totalmente certo" e não cabe nenhum questionamento sobre a informação que esse meio oferece, aquilo que se comunica a partir das instâncias públicas. Administração Estatal, Gabinetes Governamentais, etc. para a maioria é inapelável. De forma que se uma instância pública fala dos "indígenas" (dando por entendido que estão incluídas as indígenas) na realidade o que se está fazendo é uma exclusão que tem tido como conseqüência que os homens sejam os perpétuos interlocutores com os poderes públicos e os que têm manejado a direção e os interesses das mulheres indígenas.

Se já de entrada a liderança social tem estado durante séculos em mãos dos homens, as instâncias públicas ao convocar em seus documentos "aos adultos", "aos ambulantes", "aos funcionários", etc. continuam falseando, mediante um uso incorreto da linguagem, a realidade social. Com isso fomentam-se as exclusões de sempre e se reproduzem estereótipos que mantêm uma cultura sexista, e convencimentos que mantêm falsas crenças e discriminação na população.

Será difícil alcançar uma maior equidade se quando falamos continuamos reproduzindo os esquemas, as formas e os atavismos que historicamente conduziram à marginalização, à exclusão e à discriminação das mulheres, a saber, a utilização da linguagem para torná-las invisíveis entre outros métodos.

Finalmente, e embora tenhamos acabado de vislumbrar brevemente alguns dos seus alcances, outro dos agentes de socialização de gênero, considerado muito importante, é a linguagem. Não obstante, dada a importância que este agente se reveste para este manual, vamos abordá-lo mais detidamente na epígrafe seguinte.

O papel da linguagem na socialização de gênero

A língua é um fato tão cotidiano que a assumimos como natural e muito poucas vezes nos detemos a perguntar-nos o seu alcance e a sua importância. Neste sentido, menciona Edward Sapir que "falta apenas um momento de reflexão para convencer-nos de que esta naturalidade da língua é uma impressão ilusória". (9) Mas a linguagem não é algo natural, mas sim

uma constituição social e histórica, que varia de uma cultura para outra, que se aprende e que se ensina, que forma nossa maneira de pensar e de perceber a realidade, o mundo que nos rodeia e o que é mais importante: pode ser modificada.

Através da linguagem aprendemos a nomear o mundo em função dos valores imperantes na sociedade. As palavras determinam as coisas, os valores, os sentimentos, as diferenças.

A primeira coisa que a menina e o menino aprendem é a existência de uma mamãe e de um papai, depois aprenderá que existem meninas e meninos y que há comportamentos diferentes, adequados ou não, para umas e outros. Através da linguagem aprenderá muitas diferenças que estão em função do sexo, bem como a sua hierarquização. É que a língua, ao ser o reflexo da sociedade que a utiliza, transmite a ideologia imperante nela, pois reflete e reforça as desigualdades derivadas das discriminações exercidas contra as mulheres através do androcentrismo e do sexismo.

Segundo Teresa Meana (10) "o androcentrismo é o enfoque nas pesquisas e estudos de uma única perspectiva: a do sexo masculino. Supõe, segundo esta autora, "considerar os homens como o centro e a medida de todas as coisas. Os homens são considerados, assim, os sujeitos de referência e as mulheres seres dependentes e subordinados a eles".

Esse androcentrismo se manifesta graças à desigualdade na ordem das palavras, no conteúdo semântico de certos vocábulos ou no uso do masculino como genérico para ambos os sexos. Fazendo referência a isso, é preciso assinalar que o que não se nomeia não existe e utilizar o masculino como genérico tornou invisível a presença das mulheres na história, na vida cotidiana, no mundo. Basta analisar frases como: "Os homens lutaram na revolução francesa por um mundo mais justo, marcado pela liberdade, igualdade e fraternidade". E as mulheres? Onde ficam nessa luta? Não nos enganemos: quando se utiliza o genérico está se pensando nos homens e não é certo que ele inclua as mulheres. A esse respeito diz Teresa Meana (11) que "não sabemos se atrás da palavra homem se está pretendendo englobar as mulheres. Se for assim, elas ficam invisíveis e se não for assim, ficam excluídas".

Por sua parte, o sexismo é segundo vários dicionários "atitude de discriminação fundamentada no sexo", sendo as mulheres, como já vimos, o sexo tradicionalmente discriminado. Enquanto que para Teresa Meana (2004.7) o sexismo "é a atribuição de valores, capacidades e papéis diferentes a homens e mulheres, exclusivamente em função do seu sexo, desvalorizando tudo o que fazem as mulheres diante do que fazem os homens que é o que está certo – o que tem importância-". Um exemplo desse sexismo são algumas das expressões vistas ao longo do manual: "ser velha é o último", "caladinha você é mais bonitinha", ou as seguintes definições do Dicionário Espasa (12) que não faz falta comentar:

Homem: *ser racional pertencente ao gênero humano e que se caracteriza por sua inteligência e linguagem articulada.*

Mulher: *pessoa do sexo feminino. A que chegou á puberdade. A casada, com relação ao marido.*

Em síntese, segundo Teresa Meana (13) "os efeitos que produzem na língua o sexismo e o androcentrismo poderiam ser agrupados em dois fenômenos. Por um lado o silêncio sobre a existência das mulheres, a invisibilidade, o ocultamento, a exclusão. Por outro, a expressão do desprezo, do ódio, da consideração das mulheres como subalternas, como sujeitos de segunda categoria, como subordinadas ou dependentes dos homens."

Não obstante, e a pesar de tudo o que foi visto até agora, é necessário assinalar, como já dissemos na introdução deste manual, que a língua em si não é sexista como sistema, mas o que é sexista é o mau uso que se faz dela, uso consolidado, aceito e promovido pela sociedade. Em todas as línguas existem, sim, múltiplos recursos para incluir a mulheres e homens sem preconceito ou omissão de umas e outros. Mas isso raramente é feito.

Por outro lado, a língua é um instrumento flexível, em evolução constante, que pode ser perfeitamente adaptada a nossa necessidade ou ao desejo de comunicar, de criar uma sociedade mais equitativa. Portanto, as línguas não são inertes, senão instrumentos em trânsito, pois se uma língua não mudar, se não evoluir para responder às necessidades da sociedade que a utiliza, está condenada a perecer, converte-se em uma língua morta. As línguas vivas mudam continuamente, incorporando novos conceitos e expressões e, nesse sentido, não há nenhum problema em criar palavras para adaptar-se à nova realidade social, como é o caso de toda a nova linguagem gerada pelo uso da Internet (e-mail, chat, web, etc.), ou as mudanças que supõem a incorporação de mulheres a profissões e cargos que antes lhes seriam vetados ou de difícil acesso: surgem então ministras, executivas, presidentas... Estes são exemplos de uma mudança nos usos da linguagem: o que antigamente se considerava como um erro gramatical hoje aparece como algo cotidiano e aceitável. Ao mesmo tempo, cada língua permite utilizar termos utilizados em outros países que também a falam. Por exemplo, na Espanha se utiliza Dom/Dueña que não tem a conotação sexista de Senhor/Senhora/Senhorita utilizados em muitos países da América latina, inclusive no Brasil

O problema não está, portanto, na língua em si, que como vimos é ampla e mutável, mas sim nas travas ideológicas, na resistência em dar um uso correto a ela, a utilizar palavras e expressões inclusivas e não discriminatórias para as mulheres.

Em síntese, a linguagem é um dos agentes de socialização de gênero mais importantes ao moldar nosso pensamento e transmitir uma discriminação por motivo de sexo. A língua tem um valor simbólico enorme, o que não se nomeia

não existe, e durante muito tempo, ao utilizar uma linguagem androcêntrica e sexista, as mulheres não existiram e foram discriminadas. Foi-nos ensinado que a única opção é ver o mundo com olhos masculinos, mas essa opção oculta os olhos femininos. Não é, portanto, correto, ou uma repetição, nomear em masculino e feminino, pois não supõe uma duplicação da linguagem, pois como dizem Carmen Alaria et al. (14) duplicar é fazer uma cópia igual a outra e esse não é o caso. É simplesmente um ato de justiça, de direitos, de liberdade. É necessário nomear as mulheres, torná-las visíveis como protagonistas de suas vidas e não vê-las apenas no papel de subordinadas ou humilhadas. É necessária uma mudança no uso atual da linguagem de forma que apresente equitativamente as mulheres e os homens. E para isso, qualquer língua, ao estar em contínua mudança, oferece milhares de possibilidades que analisaremos mais detidamente nos capítulos seguintes.

(1) Ma. Angeles Calero (2002.51)
(2) Adriane Rich (1983:241)
(3) Calero (2002.7)
(4) Escudero, Pulido y Venegas (2003)
(5) Escudero, Pulido y Venegas (2003)
(6) OPS (1997)
(7) Escudero, Pulido y Venegas (2003)
(8) Com relação a este estereótipo, os dados do Primeiro levantamento Nacional sobre Discriminação no México (2005) determinaram que 14,5% das pessoas entrevistadas opinaram que não há que gastar tanto para educar as meninas que logo se casam.
(9) Citado por Cristina Pérez Fraga (1997)
(10) (2004.7)
(11) (2004.7)
(12)Dicionário consultor Espasa. Ed. Espasa Calpe. Madrid, 2001
(13)(2004.17)
(14)Carmen Alario et al. (Nombra:1997)

Capítulo 2:

O Gênero na Gramática

As Regras Gramaticais de Conveniência.

Professora: como se forma o feminino?
É fácil: às palavras que terminam em "o" se troca essa letra por "a".

Professora: e o masculino?
O masculino não se forma! Existe!!!

"Sei que a língua corrente está cheia de armadilhas. Pretende ser universal, mas leva, de fato, as marcas dos machos que a elaboraram. Reflete seus valores, suas pretensões, seus preconceitos"

Simone de Beauvoir

Algumas considerações prévias

Existem usos gramaticais que, com clara intenção social e política se generalizaram em nossos países e que não têm coerência nem justificativa razoável para seu uso.

Assim, nos fizeram crer que ao nomear um grupo misto de pessoas no masculino estamos nomeando também as mulheres desse grupo. Isso é absolutamente falso.

Que todos se sentem!

Os homens são violentos.

Os heróis morrem jovens.

Os mexicanos avançaram muito na pesquisa.

Tomemos as frases anteriores e respondamos agora às seguintes perguntas:

Na primeira frase, poderíamos afirmar que se está referindo a um grupo misto?

Na segunda frase, poderíamos assegurar que se refere a mulheres e homens?

Na terceira: Ao ler, imaginamos mulheres e homens ou só soldados homens?

Na última frase: pensamos em pesquisadoras e pesquisadores?

É verdade que nenhuma dessas frases se identifica claramente com um grupo no qual há mulheres. Pelo contrário, quando se fala em masculino como se fosse neutro, na realidade se excluem as mulheres e se cria uma idéia muito concreta de quem são os heróis, os pesquisadores e quem são os violentos. Principalmente se falamos de temas que foram atribuídos aos homens e que são valores supostamente masculinos.

O masculino é masculino e não neutro. O neutro, segundo as próprias regras da gramática, que veremos mais adiante, é para as coisas e as situações: úmido, absurdo, inventário, cômico...

As palavras não podem significar algo diferente do que nomeiam. O conjunto da humanidade está formado por mulheres e homens, mas em nenhum caso a palavra “homem” representa a mulher.

Para que a mulher esteja representada é necessário nomeá-la. Como fazemos quando queremos especificar que já entramos no inverno. O verão, o outono e a primavera são estações, mas não dizemos que entramos em uma estação quando queremos nos referir ao começo do inverno.

A discriminação de gênero também foi construída a partir da linguagem. Assim, sua desconstrução passa por eliminar todas aquelas palavras que

mantêm as mulheres não apenas invisíveis, o que é, como dissemos, uma forma de discriminação mediante a exclusão, mas por eliminar também o uso de palavras que as desvalorizam, subordinam-nas, rebaixam-nas ou que não são equitativas.

Construir uma nova e justa concepção da vida e das relações entre pessoas nos obriga necessariamente a desterrar palavras que durante séculos criaram injustiça.

Vários exemplos nos podem ajudar a entender como foi essa construção e como podemos desconstruí-la.

Se consultarmos qualquer dicionário podemos ver que a palavra homem se define como "indivíduo macho da espécie humana (oposto a mulher) ou o que chegou a idade adulta (oposto a menino)".

Mas se procuramos a palavra mulher encontramos: "pessoa do sexo feminino/ a que chegou à idade da puberdade/ a casada ou de idade madura".

Observação: O homem não é definido por sua relação com a mulher. A mulher se define por sua relação com o homem (casada).

Se continuamos nos fixamos em como se usa a palavra "idade", podemos ver que para o homem é "idade adulta", enquanto que para a mulher é "puberdade". O conceito idade adulta é sinônimo de virilidade.

Para se distrair um pouco podem procurar palavras como dama/cavalheiro; avó/avô; cortesã, cortesão/entretida/entretido, verdureiro, verdureira...

Com isso se poderá ver com clareza como a partir da linguagem foi criado um mundo absolutamente desigual quando aos valores atribuídos a mulheres e homens, saltando inclusive a barreira da gramática.

Vejamos agora algo sobre essas regras.

Algumas Regras Sobre o tratamento do Gênero Masculino e Feminino

Já dissemos que o masculino é masculino e não neutro, nem feminino nem genérico.

Vejamos agora o que diz a gramática sobre o gênero masculino e feminino, não sem antes assinalar que há uma grande diversidade de regras, bem como uma grande quantidade de formar de analisar os aspectos lingüístico-gramaticais. Isso depende do assunto de interesse, ou seja, das palavras, das regras e de sua análise que se possa fazer delas através da gramática normativa, descritiva, especulativa, estrutural, funcional, generativa, tradicional, transformacional ou transformativa.

Neste caso, vamos no deter unicamente na gramática normativa. Mais que nada porque o que nos interessa é fazer constar algumas normas que de forma incorreta têm sido utilizadas para que, aquelas que se regem por aqueles que têm o título da sabedoria, possam utilizar corretamente a linguagem sem temor a cair naquilo que algumas pessoas consideram como argumentos feministas.

Dicionário	Definições de nome
Nome próprio	Classe de palavras com gênero inerente que pode funcionar sozinha ou com algum determinante, como sujeito da oração. Tradicionalmente categoria de palavras que compreende o nome substantivo e o nome adjetivo
Nome abstrato	O que não designa uma realidade material
Nome ambíguo	Nome comum **de coisa** que se emprega como masculino ou como feminino
Nome comum	O que se aplica a pessoas, animais ou coisas que pertencem a uma mesma classe, espécie ou família, significando sua natureza ou suas qualidades: por exemplo, laranja é um nome comum, que se aplica a todos os objetos que possuem as propriedades de forma, cor, cheiro, sabor, etc., que distinguem uma laranja de qualquer outra coisa.
Nome comum quanto ao gênero	O que não possui gênero gramatical determinado e se constitui com artigos, adjetivos ou pronomes masculinos e femininos para aludir a pessoas de sexo feminino e masculino respectivamente. Por exemplo: o mártir ou a mártir; o artista ou a artista.
Nome coletivo	É o que no singular expressa um conjunto homogêneo de coisas, animais ou pessoa: por exemplo: talheres, exército, enxame.
Nome epiceno	Nome comum pertencente á classe dos animados que, com apenas um gênero gramatical pode designar seres de um e outro sexo. Por exemplo: bebê, onça, pantera, vítima.

Como se pode ver, não existe nenhuma definição que diga que o masculino seja o genérico do feminino, nem que diga que o masculino serve para nomear o feminino. Tampouco o ambíguo ou o epiceno se ajustam ou justificam o uso do masculino para nomear o feminino.

Se, além disso, lermos com cuidado como se define o gênero masculino e o gênero feminino, podemos perceber que o famoso neutro não aparece em nenhuma parte como uma forma que inclua grupos diferentes ou heterogêneos.

Sobre as Definições de Gênero

Gênero - Conjunto de Seres que têm um ou vários caracteres comuns
- Classe ou tipo a que pertencem pessoas ou coisas

Gramática: Classe à qual pertence um nome substantivo ou um pronome pelo fato de combinar com ele uma forma. E geralmente apenas uma, da flexão do adjetivo e do pronome. Nas línguas indo-européias estas formas são três em determinados adjetivos e pronomes: masculina, feminina e neutra.

- feminino

1. m Gram. Nos nomes e em alguns pronomes, traço inerente das vozes que designam pessoas do sexo feminino, alguns animais fêmeas e, convencionalmente, seres inanimados

Em alguns adjetivos, determinantes e outras classes de palavras, traço gramatical de concordância com o **gênero** feminino.

- masculino

1.m Gram. Nos nomes e em alguns pronomes, traço inerente das vozes que designam pessoas do sexo masculino, alguns animais machos e convencionalmente, seres inanimados.

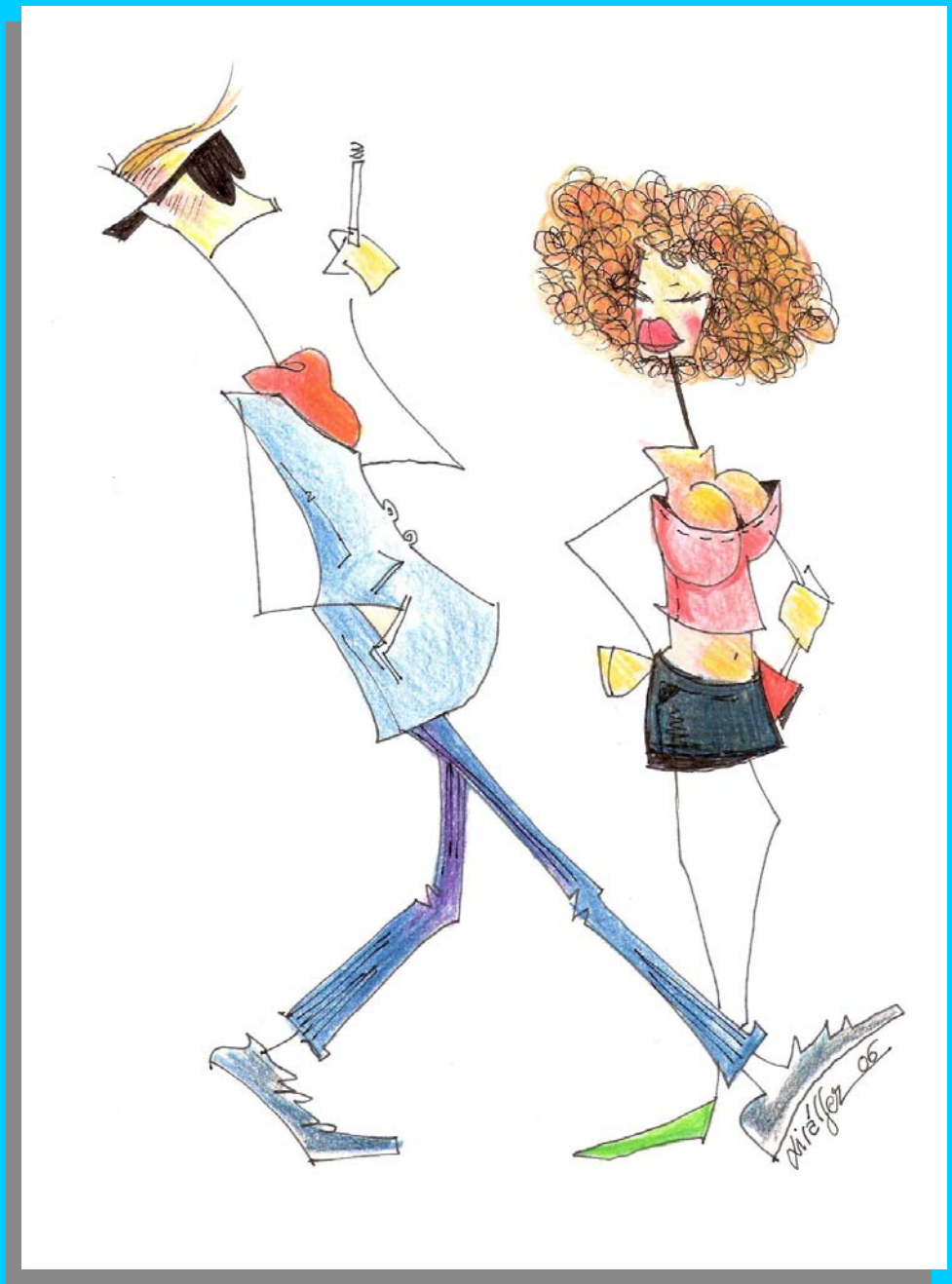
2.m. Gram. Em alguns adjetivos, determinantes e outras classes de palavras, traço gramatical de concordância com os substantivos do **gênero** masculino.

-neutro

1.m.Gram. Em algumas línguas indo-européias, o dos substantivos não classificados como masculinos nem femininos e o dos pronomes que os representam ou que designam conjuntos sem noção de pessoa. **Nas línguas latinas (espanhol e português, por exemplo) não existem substantivos neutros,** nem há formas especiais na flexão do adjetivo; apenas o artigo, o pronome pessoal da terceira pessoa, os demonstrativos e alguns outros pronomes têm formas neutras diferenciadas em singular.

Capítulo 3:

O Sexo das Pessoas e a Linguagem



Três ou quatro homens estão reunidos.
Comentário de um deles: Que corpão, não é? ... o do administrador!
Comentário do outro. Eu gosto mais do novo fotógrafo!
Resposta do terceiro: Ah, vocês também são gays?
Resposta dos dois primeiros: NÃO! Falamos da Mercedes e da Juanita!

Um Lastro do Patriarcado

Como em muitas áreas da vida, a identidade, os valores, a comunicação se construíram desde o patriarcado a partir do sexo das pessoas.

A linguagem, a forma de comunicação entre mulheres e homens, não está isenta desta forma de construção e foram elaboradas, não só como diz Simone de Beauvoir, a partir dos interesses dos homens, mas está carregada de uma clara intencionalidade por remarcar o caráter negativo do sexo feminino e supervalorizar o sexo masculino. Assim, encontramo-nos com que muitas das palavras que usamos mudam radicalmente seu significado segundo de quem se está falando.

Homem público... "o que intervém publicamente nos negócios políticos"

Mulher pública.... "prostituta"

Governanta... "a que dirige os empregados de uma casa"

Governante... "o que dirige um país"

Esclarecer os falsos argumentos e as falsas afirmações que se utilizam sobre a confusão que há entre o gênero gramatical e o sexo das pessoas é fundamental para não continuar ocultando e subordinando as mulheres.

Além desses argumentos se darem de forma involuntária ou intencionalmente, a verdade é que são tópicos que mantêm, sem qualquer justificativa, invisíveis as mulheres, pois oculta a realidade e reproduz a subordinação diante dos homens. É nesse sentido que falamos de sexismo na linguagem. O uso de uma linguagem sexista, reprodutora da atribuição de valores, capacidades e papéis diferentes a homens e mulheres em função de seu sexo, desvaloriza as atividades femininas com relação ás masculinas, em relação com o que está bem ou mal; isso expressado em qualquer palavra.

Outro exemplo:

Mundana... puta, prostituta, meretriz.

Mundano... frívolo, fútil, elegante, cosmopolita, conhecedor, experiente.

É interessante observar como nestes casos não se usa a definição da palavra em masculino para todas as pessoas e, pelo contrário, faz-se uma clara e detalhada lista diferenciada para homens e outra para mulheres.

E é também curioso ver como quem escreve os dicionários não considera reiterativo por 5, 10 ou 20 adjetivos para que fique claro o que corresponde aos homens e o que se atribui às mulheres.

Podia o dicionário ter escrito:

Mundano/a pessoa que se prostitui, fútil, elegante, meretriz...

Mas não, nesses casos o feminino não se forma só trocando o “o” pelo “a” posto que não se quer definir mundano como homem que se prostitui. Para aqueles que fizeram os dicionários, os homens não se prostituem, portanto, o significado da palavra muda substancialmente.

Si ficarem muito curiosas, procurem no dicionário a palavra prostituta e comparem com prostituto.

É obvio que os dicionários, ou seja, aqueles que fazem os dicionários, não apenas recopilam palavras. Dão significado a essas palavras e com isso, a gente aprende uma realidade.

Ao aprender a falar vamos assimilando conceitos dos quais derivarão condutas e formas de pensar. Uma idéia concreta do mundo e a informação que inclui valores, preconceitos e estereótipos serão parte fundamental da forma como nos decidirmos a relacionar com outras pessoas.

A língua sempre carrega cargas sociais estruturais que levam a uma inércia difícil de modificar em pouco tempo. Mas é possível gerar ações que incidam na sociedade e na linguagem ao mesmo tempo.

Posto que as palavras definem a realidade, ou seja, modelam-na, e posto que afirmamos também que a realidade tem uma grande carga no significado que se dá às palavras podemos, portanto, impulsionar propostas dirigidas a mudá-las, mediante um uso não sexista das palavras e conseguir, assim, a sua modificação.

A linguagem cria consciência, cultura, ideologia e modifica o pensamento das pessoas. Podemos, portanto, ao mudar a forma de falar e escrever, modificar a mentalidade das pessoas, suas condutas e como conseqüência a própria sociedade.

Dado que a língua é uma ferramenta e um método vivo que permite a mudança, é perfeitamente possível (depende de nossa vontade) começar a incluir algumas modificações que dêem uma visão muito mais real da diversidade deste mundo e de nossa sociedade.

Mudanças que Há que Começar a Fazer

- Não usar o feminino para a questão privada ou que denote posse das mulheres: “A mulher do Pedro”. “Deu a mão de sua filha”. As pessoas não se possuem.
- Não usar frases estereotipadas que consolidem papéis tradicionais: “a galinha protege seus pintinhos”; “se queria trabalhar, por que teve filhos?

- Não usar o masculino como universal: “o mundo é dos homens”; “a origem do homem”; “os jovens de hoje”.

Mais adiante, no uso do neutro, e na formação do masculino e do feminino, veremos que o masculino não é neutro.

E, evidentemente, não é neutral.

- Temos que evitar o silêncio que é a invisibilidade e deixar de usar supostos genéricos que são masculinos.

  “Os alunos que não se matricularam”..., “os cidadãos que foram votar”... “Naquele tempo o homem era nômade”.

- Não incorrer em saltos semânticos começando a falar em masculino como se fosse genérico e continuar com uma frase que se refere só ao masculino.

  “Os mexicanos viajam sempre com sua esposa e seus filhos”
  “Os indígenas que trabalham a terra contam com a ajuda das mulheres da comunidade”

- Não usar falsas dualidades
  “raposo/raposa” – “astuto/astuta”
- Não manifestar fórmulas de tratamento que implicam inferioridade, menosprezo ou desvalorização:
  “Fox e Martinha”, “Plácido Domingo e a Caballé”
  “o deputado Gonçalves e a deputada Patrícia

Enfim se trata, sobretudo, de não reproduzir o que não é correto, o que é falso, o que discrimina, desvaloriza ou não reconhece a realidade, seja mediante refrãos, estereótipos sexistas, frases feitas ou palavras que consolidam uma constituição social negativa para as mulheres.

Vamos colocar através destas páginas exemplos práticos e reais que nos ajudem a usar uma linguagem mais equitativa para aqueles que desejem contribuir com seu grão de areia para a eliminação do sexismo.

Capítulo 4:

A Gramática e a Semântica

O significado e O significante. Esclarecendo Algumas Confusões.

É claro que as coisas nomeadas pela língua possuem um gênero gramatical que não tem relação alguma com o sexo das pessoas. Assim, as palavras "lua", "casa", "serra" têm gênero feminino e as palavras "lar", "mato", "planeta" são masculinas. Inclusive há palavras que se podem usar no masculino e feminino indistintamente como "rádio", "atleta", "fã". Mas isso vamos ver mais adiante.

Também é óbvio que as palavras que denominam mulheres e homens têm coincidência entre gênero gramatical e o sexo das pessoas às quais nomeia:

Professora, camponesa, cidadã, meninas – o gênero feminino coincide com o sexo da pessoa nomeada.
Mineiro, cidadão, meninos, camponês – coincide com o sexo da pessoa nomeada.

Se levarmos em conta o anterior, podemos então concluir que quando se utiliza o masculino para nomear uma mulher ou um grupo de mulheres, seja involuntariamente ou por costume, estamos pelo menos tornando invisíveis as mulheres e no pior dos casos, estamos excluindo-as da representação simbólica e real da sociedade que a língua produz.

Se há palavras adequadas para nomear cada pessoa, usar o masculino para nomear as mulheres é, no mínimo, ocultar a realidade.

Mas, além disso, há que dizer àqueles que resistem a falar com propriedade, e preferem o costume e o uso tradicional da língua, que segundo as regras gramaticais, tampouco é correto utilizar o masculino para se referir ao feminino.

Há toda uma série de matizes, opções e exceções que formam parte da gramática normativa para que a linguagem seja precisa e adequada, isto é, clara, transparente, não discriminatória, e inclusiva.

Não podemos argumentar a favor do uso do masculino como neutro ou genérico, Primeiro porque não existem substantivos neutros para as pessoas, tal como dissemos nos temas 3 e 6.

E segundo, e mais importante, porque manter em uso qualquer forma irreal de representação do mundo, da vida cotidiana e das pessoas é, pelo menos, tendenciosa e prejudicial para o conjunto da sociedade, uma vez que constitui no imaginário coletivo idéias e imagens falsas do seu entorno.

No capítulo 5 deste manual vamos ver algumas dessas opções, como por exemplo? **O uso de genéricos, o uso de neutros, conjugações verbais e alternativas** que nos permitem falar e levar em conta, não só o que a realidade é, mas que a equidade exige e uma sociedade respeitosa dos direitos que as pessoas demandam.

Vamos à prática.

Já vimos como se podiam substituir os artigos os e o por as pessoas; a humanidade, a juventude, etc.
Como se pode evitar o uso de **aquele** e **aqueles**?
Se em seguida temos o relativo **que**, podemos substituir por **quem**

Por exemplo:

Aqueles que saibam assinar que o façam no final da aula	NÃO RECOMENDADO
Quem souber assinar que o faça no final da aula	RECOMENDADO
Aquele que quiser comer de graça deverá se inscrever	NÃO RECOMENDADO
Quem quiser comer de graça deverá se inscrever	RECOMENDADO

Podemos substituir o uso de homem por alguém, qualquer

Por exemplo:

Quando o homem não tem saúde tudo é mais difícil	NÃO RECOMENDADO
Quando alguém não tem saúde tudo é mais difícil	RECOMENDADO
Se o homem ouve rádio se anima um pouco	NÃO RECOMENDADO
Se alguém ouve rádio se anima um pouco	RECOMENDADO
Quando o homem se confunde ao fazer algo	NÃO RECOMENDADO
Quando qualquer pessoa se confunde ao fazer algo	RECOMENDADO

Os pronomes e advérbios com gênero masculino podem ser trocados por outras palavras que têm o mesmo sentido e que se podem usar sem a marca de um gênero específico.

Pronomes (seu, seus)	
No Natal sempre vai visitar os seus	NÃO RECOMENDADO
No Natal sempre vai visitar sua família	RECOMENDADO
Você deve defender os seus	NÃO RECOMENDADO
Você deve defender sua gente	RECOMENDADO
Sempre trabalhou cuidando dos outros	NÃO RECOMENDADO
Sempre trabalhou cuidando de outras pessoas	RECOMENDADO

Por exemplo:

Advérbios (muitos, poucos)

Muitos têm dúvida se votarão ou não	NÃO RECOMENDADO
Muitas pessoas têm dúvida se votarão ou não	RECOMENDADO
A maioria duvida se votará ou não	RECOMENDADO
Poucos são os premiados na loteria	NÃO RECOMENDADO
Uma minoria é premiada na loteria	RECOMENDADO

O Salto Semântico

É comum o uso do masculino como genérico em uma frase para referir-se a homens e mulheres e em seguida fazer referência a particularidades unicamente masculinas.

Isso se chama salto semântico. Uma definição mais acadêmica seria:

Quando ao falar se usa o masculino como genérico em uma primeira frase e imediatamente depois se usa o mesmo masculino, mas dessa vez em sentido estritamente masculino. Uns exemplos nos ajudarão a entender melhor.

Exemplos

Os nordestinos emigram prioritariamente às capitais, suas mulheres costumam ficar no povoado. Só homens emigram das Capitais?

A lei proíbe a bigamia, mas quase todos têm duas mulheres. Será que a bigamia está proibida só para os homens? Ou se supõe que as mulheres também costumam ter duas mulheres?

Em lugar dessas frases, para evitar confusões às quais se presta essa forma de falar, podemos dizer:

No Nordeste os homens emigram majoritariamente às capitais. As mulheres costumam ficar na sua cidade

Embora a bigamia esteja proibida, quase todos os homens têm duas mulheres.

Outros exemplos:

S. Semântico: Todos os trabalhadores poderão ir ao jantar com as suas esposas

Alternativa: O pessoal poderá ir ao jantar acompanhado.

S. Semântico: Os estudantes não poderão receber visitas femininas nos dormitórios.

Alternativa: Não se permitem visitas nos dormitórios

Outras Estratégias Semânticas

Mudar a forma de redação de uma frase e modificar o lugar do sujeito ou dos verbos e sua conjugação é alternativa possível.

Por exemplo, podemos dizer: O nível de vida em São Paulo é bom

Em lugar de: Os paulistanos têm um bom nível de vida

Podemos dizer: O pessoal docente da Universidade protestou por...

Em lugar de: Os professores da Universidade protestaram por...

Estamos plenamente convencidas de que será a influência social que fará possível que as palavras representem devidamente a diversidade existente e que, do mesmo modo que conceitos e idéias evoluíram, mediante uma mudança em nossa forma de falar e escrever mude a representação das mulheres no mundo e a imagem estereotipada, minimizada ou desvalorizada que ainda hoje reproduzimos ao falar, embora seja sem intenção, sem interesse e sem pensar, ou simplesmente por falta de informação.

Esperamos que esta informação fosse útil e proporcione ferramentas para influir positivamente, desde cada espaço, com uma nova maneira de falar, para a evolução social.

Capítulo 5

O Uso do Neutro e o Uso de Genéricos

“As línguas não se limitam a ser um simples espelho que nos devolve a realidade de nosso rosto: como qualquer outro modelo idealizado, como qualquer outra invenção cultural, as línguas podem nos levar a moldar a nossa percepção do mundo e inclusive que nossa atuação se oriente de uma determinada maneira” (3)

Já comentamos o suficiente sobre o masculino como pretenso genérico. Em seguida é proposta uma série de exemplos para esclarecer exatamente o que são os genéricos. Mas brevemente queremos referir-nos a outro mal-entendido: o uso do masculino como neutro.

Muita gente confunde neutro com genérico ou com indeterminado ou indefinido.

Antes de passar a ver os genéricos queremos esclarecer que o neutro é inexistente em nossa língua para substantivos.
Neste manual, só proporcionaremos alguns poucos exemplos para explicar em que casos se pode usar o neutro e o que é exatamente o que representa ou significa.

-Gênero neutro

1.m.gram. Em algumas línguas indo-européias, o dos substantivos não classificados como masculinos nem femininos e o dos pronomes que os representam ou que designam conjuntos sem noção de pessoa. **Tanto no espanhol como no português não existem substantivos neutros**, nem há formas neutras especiais na flexão do adjetivo; apenas o artigo, o pronome pessoal da terceira pessoa, os demonstrativos e alguns outros pronomes têm formas neutras diferenciadas no singular.

Em nossas línguas só existe como neutro o artigo "o", os demonstrativos "esse", "este" e "aquele", o pronome pessoal da terceira pessoa e os reflexivos "se" e "si".

Por exemplo:

Os habitantes nunca estão contentes com o transporte	NÃO RECOMENDADO
Nunca se está contente com o transporte	RECOMENDADO
Os paulistas economizam bastante	NÃO RECOMENDADO
Em São Paulo se economiza bastante	RECOMENDADO
Eles nunca colaboram	NÃO RECOMENDADO
Esse grupo nunca colabora	RECOMENDADO
Aquele que quiser peixe que se molhe	NÃO RECOMENDADO
Quem quiser peixe que se molhe	RECOMENDADO

Os Genéricos

Pensamos que o mais adequado para dar um significado real à representação das pessoas e recuperar a visibilidade das mulheres na sociedade é usar o feminino e o masculino. Ou seja, nomear meninas e meninos, mulheres e homens da mesma maneira que nomeamos as pessoas quando queremos deixar claro a quem nos referimos. Geralmente não dizemos "Reuniram-se os presidentes para falar de...", mas dizemos "reuniram-se o Presidente do Brasil e o Presidente do Uruguai" ou "reuniu-se o Sr. Rodrigues, representante de... com o Sr. Alves, representante de..."

Tudo bem, diante das resistências de que é pesado e aborrecido dizer as senhoras deputadas e os senhores deputados, temos alternativas que podemos utilizar e que não invisibilizam. E que são realmente inclusivas. Trata-se do genérico. Atenção! Genérico não é "os homens", Isso é masculino plural e representa apenas um coletivo: o de homens.

Genéricos reais são:

Infância

As crianças ou a infância .....em lugar de: os meninos
A população.....em lugar de: os homens
A cidadania.....em lugar de: os cidadãos
A descendência.....em lugar de: os filhos
O pessoal..... em lugar de: os trabalhadores

Professorado

O pessoal docente....em lugar de: os professores
O eleitorado..... em lugar de: os eleitores
A juventude..... em lugar de: os jovens
A humanidade..... em lugar de: os homens

Exemplos práticos

Redação excludente **Não recomendada**	**Redação inclusiva** **Recomendada**
Os indígenas terão crédito...	A população indígena terá crédito...
Os jovens que desejem estudar...	A juventude que deseje estudar...
Os votantes do Distrito Federal tendem a...	O eleitorado do Distrito Federal tende a...
Os cidadãos se manifestaram...	A cidadania se manifestou...
Os alagoanos não querem que...	A população de Alagoas não quer que...
Os interessados em participar...	As pessoas interessadas em participar...
Os maiores de idade receberão uma...	As pessoas maiores receberão uma...
Os meninos terão atenção médica...	As crianças terão atenção médica, ou As meninas e os meninos terão atenção médica

Não é tão difícil, É uma questão de clareza na linguagem e de vontade pessoal, de coerência e concordância entre o significado de nossas palavras e o significante que realmente queremos comunicar.

Mais Opções: Os Abstratos

É muito comum que, inclusive sem saber o gênero das pessoas às quais nos referimos, usemos o masculino ou o que é mais incoerente ainda, sabendo que se trata de uma mulher utilizemos o masculino em adjetivos, **profissões ou cargos.**

Exemplos práticos

As alternativas recomendáveis		**O inadequado Desaconselhável**
Assessoria	Em lugar de	Assessores/ o assessor
Orientação	Em lugar de	Orientadores/o orientador
Chefia	Em lugar de	Os chefe/o chefe
A Direção	Em lugar de	O diretor/os diretores
A Coordenação	Em lugar de	O coordenador/os coordenadores
A Redação	Em lugar de	Os redatores

Exemplos práticos

Não sexista	**Sexista**
Convoca-se a coordenação de...	Convoca-se os Coordenadores de...
A direção do centro comunica...	O diretor do centro comunica...
A assessoria recomendou que...	Os assessores recomendaram que...
A atual legislação estabelece...	Os legisladores estabeleceram...
Pediu-se ao poder judiciário...	Pediu-se aos juízes...
Necessitam-se pessoas formadas em...	Necessitam-se formados em...

Existem outros recursos lingüísticos que veremos, tais como a forma de utilizar diferentes conjugações verbais para evitar a referência a nomes “universais” que não o são, como, por exemplo, usar “homens” para toda a humanidade.

Exemplos práticos

Não representa a toda a humanidade	**Representa a humanidade**
Há 2.000 anos o homem vivia da caça	Há 2.000 anos se vivia da caça
Na época pré-histórica os homens escreviam mediante hieróglifos	Na época pré-histórica se escrevia mediante hieróglifos
O trabalho do homem melhora sua vida	O trabalho da humanidade melhora a vida
É benéfico para o homem	É benéfico para a sociedade/ É benéfico para as pessoas

Em muitas ocasiões, ao utilizar instruções ou ao falar dando por entendidas determinadas situações tornamos a utilizar o masculino como genérico.
E de novo encontramos alternativas para evitar que alguns setores fiquem excluídos ou não se dêem por aludidos.

Trocar o verbo no masculino pela terceira pessoa do singular ou plural. (você ou vocês).

Exemplos práticos

O possuidor de passagem do metrô só precisa introduzir na catraca	Se vocês têm passagem do metrô só precisam introduzir na catraca
Os leitores do jornal poderão participar do concurso	Se vocês lêem o jornal poderão participar do concurso
O consumidor estará mais seguro se comprovar a data de validade do produto na embalagem	Você sentirá mais segurança se comprovar a data de validade do produto na embalagem

Existem muitas alternativas para que a língua seja coerente exatamente com o que quer representar ou refletir.

A gramática normativa tem uma série de regras que nos ajudam a expressar-nos com clareza. Assim, a regra sobre concordância em gênero e número (não é correto dizer "a crianças". "o atriz", "a boxeador", ou "as peixes") nos explicam que se queremos nos referir a um grupo o artigo e o substantivo devem estar no plural.

Na mesma maneira, se falamos em feminino, o artigo e o substantivo devem estar no feminino (Salvo exceções previamente previstas como: chefe, artista e outros que veremos mais adiante no que se refere a profissões).

Parceria um erro se escutássemos: "A pedreiro Antonio foi despedida". Seguramente, pelo menos pensaríamos que se enganaram ao escrever a frase ou que talvez haja uma mulher que se chame Antonio. Mas nunca nos ocorreria pensar que a um homem se possa dizer a pedreiro.

No entanto, não nos choca ouvir dizer ou escrever "o advogado Maria", "Rosa, Doutor em Ciências", ou "A chefe da seção". São frases incoerentes e não concordantes que não obedecem a qualquer regra gramatical. Mas têm um significado na vida real que vai além do que imaginamos. No capítulo seguinte vamos falar um pouco deste tema, do significado e da transcendência que tem referir-nos a uma mulher como O Diretor, O Inspetor, etc. [1]

[1] Nota da tradutora: No Brasil já se usa pouco essas formas masculinas de nomear profissões. Já dizemos, na maior parte das vezes: a advogada, a diretora, a inspetora, etc.

Capítulo 6:

Profissões Exercidas por Mulheres



- A senhora trabalha?
-Não, senhorita, sou dona de casa.
- E o senhor?
- Eu tampouco.
- Ah! Também é dona de casa!

A realidade do trabalho se representa, como qualquer outra atividade social, fundamentalmente por meio das palavras.

A cada objeto, a cada ação, a cada emoção ou situação corresponde uma palavra. É assim que sabemos que existe o mar mesmo que jamais o tenhamos visto; que há um estado no norte que se chama Pará, mesmo que nunca tenhamos viajado pra lá e inclusive, mediante a descrição de sua geografia podemos imaginá-lo e ter uma idéia bastante aproximada de como ele é.

As palavras nos dão conta das características da população, de seus traços físicos, de seu nível de vida, de suas habilidades e até de aspectos mais imateriais ou abstratos como seu caráter ou suas crenças.

Pelo contrário, o que não se nomeia , embora exista, passa ao terreno do invisível, do que não existe. Assim, para muita gente que nunca ouviu a palavra "Aldrava" aquilo que corresponde a essa palavra não existe. E se lhe pedíssemos que representasse num desenho uma aldrava, não poderiam fazê-lo. Não poderiam imaginar a que nos referimos nem ter uma idéia do que essa palavra significa, Simplesmente, para quem nunca ouvir falar da "aldrava", a aldrava não existe.

Com muitas tarefas e atividades das mulheres aconteceu isso durante muito tempo. Não foram nomeados seus afazeres cotidianos. Não se falou do trabalho que realizam. Permaneceram no terreno do invisível, do que não existe. Assim, por exemplo, quando a uma mulher dedicada ao trabalho em casa, lhe perguntavam: "Você trabalha?" A mulher respondia: "não, sou dona de casa". Nunca foram nomeadas as tarefas domésticas como um trabalho.

Por outro lado, como os trabalhos remunerados eram fundamentalmente ocupados por homens, e terem sido eles que, durante décadas, puderam freqüentar os cursos universitários, a realidade do trabalho e os títulos correspondiam, logicamente, ao mundo masculino e assim se nomeava a existência de Engenheiros, Doutores, Diretores, Pedreiros, Condutores, Antropólogos.

Hoje em dia, tanto o mundo do trabalho como o acadêmico têm uma composição totalmente diferente. Há tantas mulheres graduadas como homens e tantas Doutoras como Doutores. No entanto, continua-se falando do mundo do trabalho e profissional no masculino; Isso tem uma clara e negativa repercussão na representação da realidade, pois para muitas pessoas, ao não ouvir nunca a palavra Engenheira terão uma falsa idéia da realidade ao pensar que elas não existem. Ou se só se ouve a palavra Diretor, vai se continuar pensando que não há nenhuma Diretora e sua imagem do mundo será distorcida.

Quando nomeamos a realidade como ela é, conseguimos transmitir uma idéia exata dela. Se falarmos das profissões em feminino estaremos ajustando nossa comunicação, seja escrita ou verbal, à realidade do mundo real e diverso em que vivemos, onde há mulheres, e homens que realizam atividades, que sofrem, que estudam, que sentem e que compartilham situações e sentimentos. Assim permitiremos que as pessoas possam imaginar, conhecer e localizar-se em um mundo plural, no mundo que existe e ao qual devem ter acesso. Um mundo com muito mais alternativas e oportunidades se o uso irreal da lingüística não invisibilizar mais nem sancionar ou ocultar por mais tempo as mulheres.

"As resistências a feminizar uma profissão ou cargo nunca se baseia em argumentações estritamente lingüísticas, porque as resistências não vêm da língua, as línguas costumam ser amplas e generosas, dúcteis e maleáveis, hábeis e em perpétuo trânsito; as travas são ideológicas..." (1)

NOMEAR em feminino as profissões é, portanto, não apenas reconhecer que há mulheres que trabalham em todas as profissões que existem, mas também que as habilidades das mulheres não têm limitações pelo fato de serem mulheres, é reconhecer que o futuro das mulheres não está limitado por seu sexo, é eliminar estereótipos ideológicos e abrir a porta a uma nova percepção do mundo, sem travas, onde o sexismo não seja barreira para as opções pessoais, para os desejos, as vocações, as profissões, o desenvolvimento pessoal e para a satisfação de poder fazer o que mais gostamos, o que mais nos satisfaz...

No site do **Instituto de la Mujer de España,** em Publicações NOMBRA podem ser encontradas de "a" a "z" as profissões em masculino e feminino (em espanhol, mas em muitos casos se aplicam ao português também. N. da T.)

Aqui apresentamos algumas regras que podem nos ajudar a saber como se forma o feminino nas profissões conforme o caso.

Formação do Masculino e do Feminino em Profissões e Cargos
Regras

1 –Regras de morfologia

1.1. Casos com dupla solução

O feminino de profissões ou cargos se forma acrescentando a letra "a" no final da palavra e o masculino acrescentando a letra "o".

Exemplos: terminações em "a"/"o"

Adivinha – Adivinho
Cômica – Cômico

Exemplos: terminações em “eira” / “eiro”

Cozinheira – Cozinheiro
Padeira – Padeiro
Doceira – Doceiro

Exemplos: terminações em letras dentais (t ou d) mais “ora” / “ero”
“tora” / “tor”
“dora” / “dor”

Relatora – Relator
Cuidadora – Cuidador

Exemplos: terminações em “óloga” / “ólogo”

Psicóloga – Psicólogo
Antropóloga – Antropólogo

Exemplos: terminações em “ônoma” / “ônomo”

Astrônoma – Astrônomo
Ecônoma – Ecônomo

Exemplos: terminações em “ária” / “ário”

Veterinária – Veterinário
Donatária – Donatário

Exemplos: terminações em “ica” / “ico”

Médica – Médico
Diplomática – Diplomático

Exemplos: terminações em “ona” / “ão”

Patrona – Patrão
Peona – Peão

Exemplos: terminações em “enta” / “ente”

Presidenta – Presidente
Regenta – Regente

1.2. Casos de gênero comum

Este tipo de formação é a que se usa para o feminino e o masculino a mesma terminação.

Exemplos: terminações em “ente”

Docente/Expoente/correspondente

Exemplos: terminação em “ista”

Jornalista/comentarista/telefonista/dentista

Exemplos: terminação em “AL”

Industrial/fiscal/comensal

Exemplos: terminações em “e”

Grumete/forense/demente

2. Regras de concordância ou sintáticas

Sempre estejamos falando de casos comuns ou não, utilizaremos os determinantes femininos para acompanhar um ofício, profissão ou cargo exercido por uma mulher e os determinantes masculinos quando se trate de um homem

Uma fiscal.....um fiscal
uma patroa.....um patrão
aquela cavaleira...aquele cavaleiro
a juíza.....o juiz
a industrial.....o industrial

Da mesma forma trataremos os adjetivos e os particípios

A juíza adjunta ao tribunal / a segunda cavaleira da lista
O juiz adjunto ao tribunal/ o segundo cavaleiro da lista
A guia encarregada do grupo/ o guia encarregado do grupo
Uma grande especialista/ um grande especialista
Uma engenheira em computação/ Um engenheiro em computação

SUGESTÕES: para a utilização do feminino e masculino em cargos ofícios e profissões

A – Não usar nunca formas sexistas. Tornar visíveis as mulheres e, portanto, não usar o masculino como genérico (o masculino é masculino, não genérico)

B – Quando se fizer uma oferta de emprego deve aparecer o feminino e o masculino. Preferentemente (como uma ação positiva) colocar sempre primeiro o feminino e depois o masculino.

Enquanto a linguagem continuar carregada de estereótipos, não convém dissimular a visibilidade das mulheres. Por isso é importante evitar as barras diagonais: ”oferece-se trabalho a costureira/o”. Não se devem usar parênteses “buscamos um (a) advogado (a). Nesse mesmo sentido é preciso eliminar os

símbolos que não são legíveis ou que não são verdadeiramente representação do feminino: querid@s amig@s.

C. Quando usamos o feminino, os textos são muito mais claros e entendíveis. Se nos custa muito tempo ou trabalho nomear em feminino e masculino, o que recomendamos é que se usem palavras abstratas ou genéricas: “o pessoal docente”, “a assessoria legal”, “a comunidade hospitalar”, “a vizinhança”... se o que se quer é fazer uma referência coletiva aos dois sexos.

A identidade social está diretamente relacionada com a linguagem e da mesma forma que uma imagem nos leva a ter uma idéia das coisas (as imagens, as pinturas, são também meios de comunicação) as palavras nos dizem como é a pessoa de um lugar, como é um país. Para muita gente, por causa das imagens que se difundiram todos os nordestinos são baixinhos, de cabeça chata.

Para muitas outras pessoas, as mulheres são, em sua maioria, donas de casa.

Frases como: “S você queria trabalhar, por que casou?
“Cuide do seu irmão, para isso você é mulher”

formaram uma idéia que, não apenas nega às mulheres o direito de poder se desenvolver plenamente como pessoas, mas também criam um modelo de comportamento que pareceria **o que devem ter as mulheres**, deixando outras atividades em segundo plano ou como inadequadas.

Se a isso somamos que a mídia fala só de Interventores, Governadores, carpinteiros, encanadores, desenhistas...

E as ofertas de trabalho pedem: cozinheiros, técnicos, tradutores, arquitetos... Dificilmente mudaremos as expectativas que uma jovem possa imaginar para o seu futuro.

É responsabilidade de qualquer pessoa quando fala colaborar para abrir todas as oportunidades existentes.

Pelo contrário, quando uma mulher profissional é definida em masculino, o que se está promovendo é:

1. A invisibilidade das mulheres que desempenham essas profissões
2. A excepcionalidade que confirma que não é algo normal para as demais mulheres
3. Reservar o masculino para determinadas atividades remuneradas ou de prestígio
4. Que a cidadania continue pensando que tal ou qual profissão não pode ser dita em feminino.

Qualquer dessas idéias é sem dúvida contrária ao desenvolvimento da humanidade e de uma sociedade equitativa, contrária à igualdade de oportunidades; atavismos históricos que perpetuam o sexismo e a misoginia.

Três ou quatro homens estão reunidos
Comentário de um deles: que corpão, não é? O do Administrador!
Comentário do outro. Eu gosto mais do novo fotógrafo!
Resposta do terceiro: Ah, vocês também são gays?
Resposta dos dois primeiros: NÃO! Falamos da Mercedes e da Joaninha!

Para corroborar a informação que estivemos manejando neste manual solicitamos a Real Academia Espanhola sua opinião em relação à formação do feminino na denominação de profissões (ver anexos). Consulta que qualquer pessoa pode fazer na Internet (no caso do Brasil é só consultar qualquer dicionário) e se pode obter rapidamente a resposta.

(1) Eulalia Lledó Cunil. Ministras y Mujeres. En femenino y en masculino, Cuadernos de educación no sexista Nº 8. Instituto de la Mujer. Madrid. 2002.

Capítulo 7

O Uso do Gerúndio e Outras Estratégias Úteis para Construir uma Linguagem Equitativa.

Silva tinha um irmão. O irmão de Silva morreu. No entanto o homem que morreu nunca teve um irmão. Adivinha? (1)

Mestras, Historiadoras, Pedagogas, Lingüistas, Filólogas, Filósofas e um número enorme de pessoas interessadas em melhorar nossa comunicação, nossas relações e especialmente a situação de marginalização em que, durante séculos, foram colocadas as mulheres, dedicaram anos de sua vida a pensar e a aportar alternativas que, sem invisibilizar, menosprezar e desvalorizar a ninguém sirvam para entender-nos melhor a partir de uma análise séria da linguagem e das possibilidades que ela oferece para salvaguardar o respeito à diversidade.

Às vezes é questão de intenção e de conhecimento, porém sempre que queremos encontrar uma solução para um problema, se nos pomos a trabalhar, vamos encontrar mais de uma possibilidade.

Estas são algumas sugestões e estratégias propostas por mulheres com vontade de melhorar a linguagem.

O Uso do Gerúndio

Sintaticamente é possível utilizar o gerúndio para evitar o uso de algumas palavras que geralmente se identificam com os homens como, por exemplo, políticos, diplomatas, médicos ou gentílicos a que recorremos por costume, embora a sociedade tenha se transformado e as palavras já não respondam com exatidão ao que literalmente estamos dizendo.

Referimo-nos a frases como:

Se os diplomatas tivessem mais competência, a gestão seria melhor.	INADEQUADA
Tendo mais competência, melhoraria a gestão diplomática	ADEQUADA
Se os policiais trabalhassem em melhores condições haveria mais segurança	INADEQUADA
Trabalhando em melhores condições a segurança policial aumentaria	ADEQUADA
Se os eleitores optarem por esse partido ganharemos pouco	INADEQUADA
Votando por esse partido ganharemos pouco	ADEQUADA
Os paulistas têm muitas plantações de café	INADEQUADA
Em São Paulo há muitas plantações de café	ADEQUADA
Os caiçaras comem muito peixe	INADEQUADA
Na costa se come muito peixe	ADEQUADA

Outras Estratégias

Existem outras opções que evitam a referência sexual ou abrangem o feminino e o masculino.

MORFOLÓGICAMENTE o uso de pronomes, adjetivos e substantivos (sem a anteposição de determinantes), que não variam no que se refere a gênero, permite-nos falar ou escrever sem que ninguém fique invisível ou oculto.

Exemplos

Representantes do bairro..... em lugar de .... os representantes do bairro
É porta voz do setor empresarial... em lugar de .... É o porta voz do setor empresarial

Canta no grupo..... em lugar de ... É o cantor do grupo
Eram inteligentes e amáveis.....em lugar de ...Eles eram inteligentes e amáveis
Você pode escolher seu defensor ... em lugar de... O acusado pode escolher seu defensor

Não é imprescindível colocar o sujeito de forma explícita em todas as orações. Além do mais isso se torna quase uma reiteração, pois o sujeito se pode deduzir da forma verbal que usamos. Para quem necessita economizar palavras, esta é uma fórmula ideal que nem sequer exige pensar em substitutos do masculino ou buscar genéricos. É uma fórmula "para não complicar a vida" e é muito fácil.

Queremos garantir a equidade..... em lugar de... Eles querem garantir a equidade.
Buscavam melhores condições..... em lugar de... Eles buscavam melhores condições
Disse que viria mais tarde..... em lugar de... Ele disse que viria mais tarde
Pensavam que tudo ia dar certo..... em lugar de... Eles pensavam que tudo ia dar certo
Ganharão o partido..... em lugar de... Eles ganharão o partido

Não é verdade que é fácil?

SINTATICAMENTE existe o recurso das orações passivas reflexivas. Não é um recurso tão fácil como o anterior, mas se pensamos em coletivos como instâncias, mais que como soma de pessoas, podemos ter um resultado útil, inclusive para desmistificar algumas imagens e recuperar o protagonismo dessas instâncias, dando delas, ao mesmo tempo, uma idéia mais democrática e plural.

Por exemplo

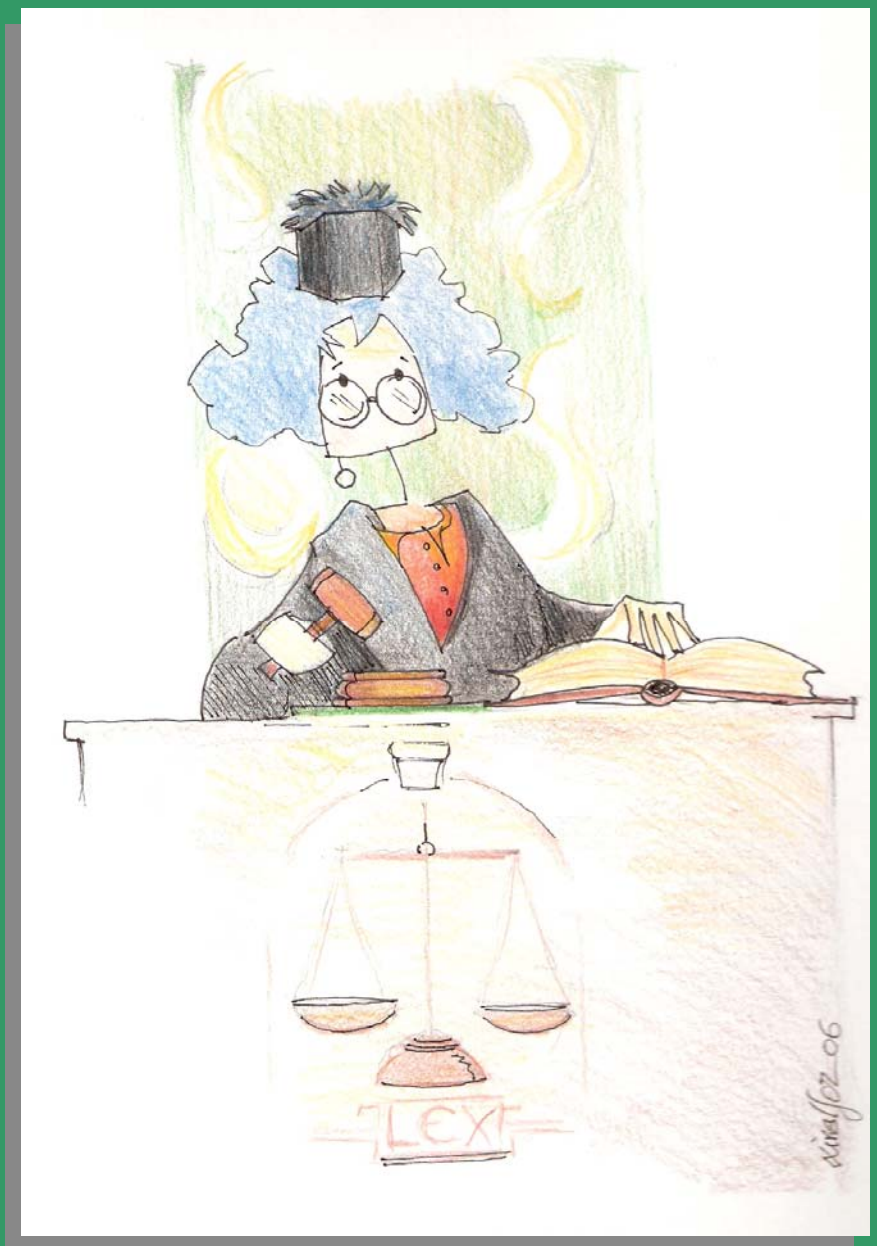
Seria correto dizer	**Não é muito democrático dizer**
O Congresso está buscando soluções	Os deputados estão buscando soluções
Será decidido na mesa diretiva	Os integrantes da mesa diretiva decidirão
O tema será debatido na direção do setor	Os diretores do setor debaterão o tema
Serão dadas alternativas pelo partido	Os membros do partido darão alternativas

Ainda temos algumas questões para revisar, mas vamos deixá-las para o capítulo seguinte porque têm muito que ver com a Administração do Estado, as Instâncias de Governo e o que se fomenta desde esse lugar privilegiado.

(1) Solução: Silva é uma mulher.

Capítulo 8

A Linguagem Administrativa
Prega, prega... que algo fica!



“A gente ataca os discursos androcêntricos e sexistas fundamentalmente quando há consciência de sua existência e desenvolvendo outros discursos e formas de representação alternativas que as pessoas possam, com o tempo, incorporar a seu próprio método de entender a realidade” (Camerón, citada por Mercedes Bengoechea) (1)

O Exemplo das Autoridades

Em muitas ocasiões o discurso que chega à população por parte daqueles que atuam como autoridades ou representantes da sociedade, uma vez que são pessoas que trabalham para um governo eleito democraticamente, está construído a partir de um sujeito gramatical: o masculino.

No discurso de muitos funcionários e funcionárias, as mulheres só existem na medida em que têm alguma relação com os homens, pois unicamente ao seu lado podem chegar a ser "alguém". Uma vez que esse discurso é errôneo por sua falta de equidade e da subordinação que submete as mulheres, é necessário eliminá-lo.

Como afirma Luce Irigaray (2)

"As mulheres raramente designam a si mesmas e a outras mulheres como sujeitas do discurso. Quando uma mulher é sujeita de uma frase, raramente se dirige a ela mesma ou a outra mulher, mas quase sempre ao homem. Os homens designam a si mesmos ou a outros homens como sujeitos da frase. Os homens falam, dirigem-se a eles mesmos e a outros homens".

Existe uma séria dificuldade para romper esse círculo vicioso, pois se os homens falam de e para eles mesmos e as mulheres nunca se autonomeiam: quem, então nomeará a realidade de que elas formam parte? Quem terá peso suficiente para influir na maneira de falar da sociedade se o poder público, que atua como autoridade, define, nega ou confirma, fala insistentemente e reiteradamente com uma linguagem que utiliza sempre o referente masculino como presença, onipotência e única representação possível da vida?

A mensagem que é transmitida pela Administração e as instâncias de governo , como já dissemos, atinge a muitas pessoas, e é um exemplo do que se pode dizer ou não, e do que se deve fazer ou não.

Por isso, é importante a postura que funcionários e funcionárias assumam a esse respeito. Naqueles que ocupam altos cargos está, em grande parte, a responsabilidade de fomentar uma cultura que não foi ensinada nas escolas e que apenas a partir dos lineamentos dos diferentes programas desenvolvidos pelas secretarias pode ser impulsionado com certa eficácia. Pelo menos no que diz respeito à elaboração de documentos, convocatórias, circulares e comunicados que têm uma ampla difusão.

Não obstante, se quem dirige ou preside uma instituição não dá o exemplo, se as poucas secretárias e diretoras elaboram discursos onde o sujeito é masculino: "os que trabalhamos nesta instituição"; "o que todos perseguimos"; ou "o que conseguimos entre todos", se o referente, o sujeito principal, o protagonista está em função do homem, do governo (presidido por um homem) como fazer que a política de equidade que se quer desenvolver se

consolide também por meio das palavras? A incoerência na atuação funciona de maneira automática contra o que dizemos, se aquilo que dizemos não tem uma conexão clara e uma correspondência adequada com a linguagem que utilizamos.

Quando uma diretora diz: **O que queremos é eliminar a discriminação contra as mulheres,** não está falando dela, nem da instituição, mas sim de uma equipe, onde os homens querem ou permitem fazer certas coisas e desenvolver certos programas.

Quando uma secretária, ou presidenta diz "**Eu quero que esta instituição seja um exemplo de equidade**, a imagem formada pelas pessoas é diferente.

Não é a mesma coisa, mas surte o mesmo efeito discriminatório que uma mulher ou homem falem em masculino. O correto é que as mulheres falem em feminino para referir-se a elas mesmas ou que, pelo menos, não usem o masculino.

Uma diretora dizer: **Fizemos um grande esforço para alcançar a equidade no trabalho** não é a mesma coisa que dizer: **Aqui foi feito um grande esforço para alcançar a equidade no trabalho**.

Com o fato de atribuir a terceiros, perde-se a pessoa que está fazendo esse esforço. Quem foi? Quem está definindo os instrumentos? Quem dirige essa instituição? É a mesma coisa direção estar a cargo de um homem ou de uma mulher? É isso que queremos transmitir?Ou se trata de comunicar às pessoas que o fato de uma mulher dirigir essa instância é o que menos importa?

Esse tema merece reflexão, pois existem diversas burlas, piadas e depreciações da proposta sobre a linguagem não sexista. Há quem se dedique a dizer de brincadeira, **"ele, ela, os que estamos aqui"**, ou alguma ou outra autoridade que querendo ser engraçado ou mais feminista que qualquer pessoa, ao fazer seu discurso diz que vai falar em feminino e fala de si mesmo como se fosse mulher. Evidentemente, quando Senhor Presidente se refere a si mesmo dizendo "eu estou surpreendida" o que produz são risos e um desprezo pelo tema que não corresponde de maneira alguma com o respeito às pessoas, sua diferença e seus direitos.

Talvez seja por falta de informação, mas o que se pretende ao promover um uso não sexista da linguagem, não é que se inverta o uso do masculino pelo feminino. Nenhuma feminista é tão desrespeitosa dela mesma e dos demais, nem tão incoerente como para pedir que se imponha aos homens a invisibilidade, a desvalorização ou a discriminação que as mulheres têm sofrido. Trata-se simplesmente de promover uma linguagem adequada á realidade sem negar qualquer pessoa.

Nós, que elaboramos este material, pensamos que todas as instâncias de Governo, desde os Ministérios, Secretarias e até a menor repartição pública,

têm a obrigação de eliminar as diferentes formas de discriminação contra as mulheres e o uso a linguagem sexista é uma delas. Por isso, oferecemos algumas alternativas que podem ser implementadas em seus respectivos documentos.

Documentos Abertos

- Se não sabemos a quem vão dirigidos, temos as seguintes opções:

À Chefia do serviço/À Direção do serviço/ À Assessoria do Departamento/ À Secretaria do Tribunal/ À Coordenação

- Se soubermos a quem nos dirigimos é muito mais fácil. Porque nesse caso não há nenhum problema em dirigir-se à Coordenadora da Área, Mercedes...
- O que se faz às vezes de maneira errônea é por o nome da mulher e sem seguida o cargo em masculino. Pede-se que nunca se faça isso. Tratando-se de uma mulher o cargo deve ir no feminino.

A mesma forma deve ser utilizada por quem assina o documento.

É incorreto assinar: *Vitória Alves, Subdiretor* (parece que estamos assinando em nome de outro porque está ausente).

Documentos para Pessoas Usuárias de um Serviço

Nesses casos temos diferentes possibilidades conforme de quem se trate.

Não utilizar		**Utilizar**		
O Solicitante		Solicitante	ou	Assinatura de quem solicita
O abaixo assinado		Assina		Assinatura de quem subscreve
O comparecente		Comparece		Assinatura de quem comparece
O Denunciante		Denúncia		Assinatura de quem denuncia: Senhora ou Senhor

É provável que na última opção a maioria apague “Senhora”, mas a questão é que as mulheres tenham reconhecida sua existência (também juridicamente).

Por outro lado, sabemos que não é comum em nossos países o uso de Senhor/Senhora (palavras sem conotação sexista), mas isso não supõe impedimento algum para começar a utilizá-las em nossa linguagem cotidiana, já que como vimos a língua não é estática, mas dia a dia se nutre de novas palavras e expressões.

Se é uma mulher que ocupa o cargo ou posto, este deverá ir no feminino. E o tratamento deverá ser do mesmo nível que se lhe daria se fosse homem.

Se um Chefe de Seção é tratado como Senhor, uma Chefa de Seção será tratada como Senhora.

(1) Mercedes Bengoechea (2002). Una propuesta de manual de crítica textual desde la lingüística feminista. En femenino y en masculino. Madrid. Instituto de la Mujer.pags. 61-64
(2) 92) Luce Irigaray (1992) El sexismo y el androcentrismo en el lenguaje. Cuadernos para la Coeducación Nº 3. Institut de ciències de l'Educación.

Capítulo 9:

Documentos com Linguagem Sexista

Poucas palavras bastam... se forem as palavras adequadas!

Este último capítulo se converte na parte prática do manual, uma vez que nele se analisam documentos específicos utilizados na administração pública, nos meios de comunicação escritos e em documentos de Organismos Internacionais. Trata-se de ver quais são algumas das palavras ou termos que mais usualmente aparecem nesses textos e contribuir, a partir de fatos concretos, com alternativas para ir mudando algumas práticas.

Em nenhum caso pretendemos citar qualquer pessoa ou instituição. Sabemos que falar no masculino, invisibilizando ou desvalorizando as mulheres é algo aprendido e que a maioria de nós o reproduz de maneira inconsciente.

Também sabemos que muita gente está disposta a mudar esse tipo de linguagem na sua prática cotidiana. Por isso fizemos este manual, que oferece ferramentas para que essas pessoas materializem seu desejo de utilizar uma linguagem mais equitativa.

Por isso, foram retirados os nomes de quem escreveu os documentos, em geral, e os das instituições substituindo-os por "xxxx" ou "yyyy" ou algum símbolo. Só em alguns casos em que quem escreve faz menção de alguma pessoa, mas essa não é a autora do documento, foram deixados os nomes, já que nesses casos servem como exemplo do que se argumentou ou refletem com clareza o que se quer dizer.

Os nomes que aparecem seguidos de xxxx ou sobrenomes são inventados e não correspondem a nenhuma pessoa concreta.

Haveria muitíssimos outros documentos que poderiam ser incluídos neste manual, mas não foi possível por falta de espaço. Na maioria deles aparecem exemplos de tudo o que estivemos falando. Assim, que nos que se referem a cursos ou aulas, parece que só comparecem homens, já que neles se fala dos alunos. Em outros, como na enquete elaborada pelo Centro de Estudios de la Mujer da Escuela Nacional de Trabajo Social de la Universidad Nacional de México (UNAM), tudo está redigido em masculino, até o ponto de que há perguntas que não podem ser respondida porque só falam do Diretor, dos trabalhadores, do coordenador... Percebemos que ser um centro de estudos da mulher não significa que tenha uma perspectiva de gênero e muito menos, consciência da importância de não utilizar uma linguagem estereotipada e sexista. Queremos fazer um apelo a essas organizações, pois é muito infeliz que uma organização que se dedica, supostamente, ao estudo da mulher, seja aquela que a exclua de seus textos.

Dito isso, passemos a ver alguns exemplos:

Documento 1

Entrevista com Diretora

Coordena: Nome do coordenador da entrevista XX julho de 2005.

XX. A partir de hoje até o dia 20 de julho será realizado um encontro sobre a co-responsabilidade. É o primeiro fórum desse tipo que será realizado em nosso país e tem como objetivo principal promover um espaço de diálogo entre as organizações da sociedade civil, com o objetivo de fomentar a co-responsabilidade no desenvolvimento do país, mas é um encontro com o Governo Federal.

Para falar desse tema nos acompanha YY, titular de... Bom dia e obrigado por estar conosco.

YY: Bom dia. Agradeço o convite.

XX. Pois então, é o primeiro evento que temos neste país e parece que não há muitos parecidos em outras partes do mundo. É um evento em que todo o Governo Federal vai comparecer diante das organizações da sociedade civil e vai lhes informar o que está fazendo em relação a fomentar o que **eles** fazem. É um evento que dá continuidade à lei de fomento às organizações que foi assinada pelo Presidente apenas no ano passado, uma lei que foi desejada por mais de 12 anos pelas organizações da sociedade civil. **Eles** bateram em todas as portas e finalmente neste governo se cumpriu graças a que **deputados** e **legisladores** em geral puderam apoiá-la.

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 1

Entrevista com Diretora

Coordena: Nome do coordenador da entrevista XX julho de 2005.

XX: A partir de hoje até o dia 20 de julho será realizado um encontro sobre a co-responsabilidade. É o primeiro fórum desse tipo que será realizado em nosso país e tem como objetivo principal promover um espaço de diálogo entre as organizações da sociedade civil, com o objetivo de fomentar a co-responsabilidade no desenvolvimento do país, mas é um encontro com o Governo Federal.

Para falar desse tema nos acompanha a **Senhora YYY,** titular de... Bom dia e obrigado por estar aqui, **por aceitar o convite.**

YYY: Bom dia, obrigada pelo convite

XX: Em que consiste esse evento, esse primeiro encontro?

YYY: Pois é o primeiro encontro que temos neste país e parece que não há muitos parecidos em outras partes do mundo. É um evento em que todo o Governo Federal vai comparecer diante das organizações da sociedade civil e lhes vai informar o que está fazendo em relação ao fomento, ao **que fazem** (não é necessário colocar eles ou elas, mas em todo caso, para manter a

concordância de gênero, como está falando das organizações, pode-se dizer "o que elas fazem", mas não "o que eles fazem".

É um evento que dá continuidade à lei de fomento às organizações que o Presidente só firmou no ano passado, uma lei que foi o desejo por mais de 12 anos das organizações da sociedade civil. Bateram em todas as portas e finalmente neste governo foi cumprida graças a que, em geral, a câmara federal pôde apoiá-la. (Aqui **deputados** e **legisladores** é uma reiteração. Outra coisa seria se tivesse dito deputadas e deputados, ou em geral aqueles que legislam, ou as pessoas que legislam...)

Documento 2

Artigo na Imprensa

Os governos de Nestor Kichner e **de sua esposa** Cristina Fernandez promoveram o turismo em El Calafate, o povoado mais próximo do famoso glaciar Perito Moreno. Isso não é gratuito: diretamente ou por meio de "familiares ou testas-de-ferro", ambos possuem hotéis e participam de obras públicas e propriedades.

Revista Processo, 20 de abril de 2009. "Negocios de Familia", Santiago Igartúa. Pag. 46.

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 2

Como já falamos ao longo do manual é muito comum que as mulheres sejamos valorizadas em função de sermos esposas ou mulheres dos homens. Este fragmento do artigo "Negócios de Família" é uma prova disso. Apesar de que a senhora Cristina Fernandez já era presidenta da Argentina quando foi escrito esse artigo, continuou sendo valorizada em função de seu casamento com o senhor Kirchner, coisa que no caso contrário não se faz, pois em nenhuma parte do artigo aparece: a senhora Cristina Fernandez e seu esposo Nestor Kirchner.

O correto nesse artigo, se o que se quer é tratar de maneira igualitária o homem e a mulher devia ser: **"os governos do senhor Nestor Kichner e da senhora Cristina Fernández".**

Documento 3

Comunicado à imprensa

Assembléia Legislativa do Distrito Federal

IV LEGISLATURA

Para que

Funcione

O Distrito Federal

Os deputados locais colocaram em discussão a legislação em matéria de Saúde Pública.

Na Cidade do México, depois de dois anos de aprovada a interrupção da gravidez até 12 semanas de gestação, mais de 23 mil mulheres fizeram valer o seu Direito a Decidir.

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 3

A Assembléia Legislativa do Distrito Federal está composta por mulheres e homens. Escrever Deputados Locais está tornando invisíveis as mulheres deputadas. O correto é colocar: **os Deputados e as Deputadas Locais.**

Documento 4

Direção Geral Adjunta de Fomento e Profissionalização para as OSC

Objetivo:

Promover e coordenar ações e programas de capacitação, formação, assessoria, informação e profissionalização dirigidas ao fortalecimento das capacidades dos atores do desenvolvimento para que participem de maneira articulada nas ações do desenvolvimento social e na superação da pobreza.

Ações:

Fomentar a participação das organizações vinculadas por sua natureza com os programas e tarefas de desenvolvimento social, especialmente nas regiões mais pobres do país e com os setores mais vulneráveis.

Planejar e programar ações de formação e capacitação dirigidas a servidores públicos e a organizações da sociedade civil.

Proporcionar assessoria, capacitação e orientação em matéria de organização e participação social aos governos das entidades federativas, bem como ao setor social e privado

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 4

Objetivo:

Promover e coordenar ações e programas de capacitação, formação, assessoria, informação e profissionalização dirigidas ao fortalecimento das capacidades daqueles que intervêm no desenvolvimento para que

participem de maneira articulada nas ações do desenvolvimento social e na superação da pobreza.

Ações:

Fomentar a participação das organizações vinculadas por sua natureza com os programas e tarefas de desenvolvimento social, especialmente nas regiões mais pobres do país e com o setor mais vulnerável.

Planejar e programar ações de formação e capacitação dirigidas ao funcionalismo e a organizações da sociedade civil.

Proporcionar assessoria, capacitação e orientação em matéria de organização e participação social aos governos das entidades federativas, bem como ao setor social e privado.

Documento 5

Comunicados

Ajuda aos danificados pelo furacão Stan

Inscreveram-se mais de mil organizações de 27 estados da República para participar no espaço de diálogo "A caminho da responsabilidade. Encontro sociedade civil – Governo Federal".

De 18 a 20 de julho será realizado o espaço de diálogo "A caminho da responsabilidade. Encontro sociedade civil – Governo Federal".

Continua a inscrição de Organizações da Sociedade Civil

Concluiu o Terceiro Encontro de Pesquisa Aplicada sobre Desenvolvimento Social

Assinatura do Convênio Sedesol- Associação Nacional do Notariado Mexicano, A.C.

Será constituído o Conselho Técnico Consultivo que dará continuidade ao registro Federal de Organizações da Sociedade Civil. Tomarão Posse Membros do Conselho Técnico Consultivo da Lei de Organizações Sociais.

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 5

Danificados: Substituir por pessoas danificadas

Membros: Substituir por integrantes, quem integra

Tomará Posse o Conselho Técnico.

Documento 6

Direção Executiva de Gênero, Pesquisa e Desenvolvimento de Modelos

Objetivos:

Elaborar, coordenar e operar a estratégia de atendimento e promoção às instituições e organizações referentes à sua participação no programa de pesquisa para o desenvolvimento local na implementação de políticas sociais com enfoque de gênero.

Dirigir as capacidades e conhecimentos das instituições com vocação acadêmica para o desenvolvimento de pesquisas e estudos que contribuam para fortalecer ações públicas de política social.

Integrar a perspectiva de gênero nos programas de desenvolvimento social e institucionalizar os critérios de equidade internamente na Secretaria de Desenvolvimento Social, bem como impulsionar projetos a favor da equidade de gênero apresentados por Organizações da Sociedade Civil (OSC) e instituições acadêmicas.

Coordenar o trabalho interinstitucional para contar com um sistema de informação que permita elaborar as estatísticas de gênero da Secretaria de Desenvolvimento Social e dar seguimento aos compromissos do tema com outras instâncias do governo.

Assessorar e apoiar a Direção Geral e as demais áreas através da realização, análise, pesquisas pontuais, pareceres, propostas e apresentação de programas, projetos e ações do instituto, bem como a exposição em diferentes fóruns.

Ações

Introdução à pesquisa de gênero em todas as regras de operação e monitoramente na introdução da referida perspectiva na operação dos programas. Capacitação sobre perspectiva de gênero a funcionários da SEDESOL e representantes das OSC, capacitação a distância através de teleconferências e oficinas presenciais. Elaboração de material didático e de difusão em colaboração com as OSC e instituições educativas.

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 6

Este é um documento que poderia servir de modelo de linguagem inclusiva ou não sexista. Escapou um “funcionários” que é facilmente substituível por “pessoal da...”

Documento 7

Artigo de jornal

Mais de 5 mil **professores** não obtiveram nem 25% de 80 questões. Foram aprovados só 30 mil.

FORAM REPROVADOS NO EXAME PARA VAGA DE DOCENTE 75% **DOS ASPIRANTES**, INDICAM OS RESULTADOS.

De acordo com os resultados do exame nacional para vagas de docentes, 92.770 **professores** (74,9 por cento) foram reprovados ou foram enviados a cursos para sua nivelação acadêmica, enquanto apenas 31 mil e 86 docentes (25,1 por cento) foram aprovados na avaliação.

Este ano, o número de **professores** recusados foi maior que **os reprovados** em 2008, quando 47 mil 809 professores (67 por cento) não passaram na prova e 23 mil 245 (23,7 por cento) foram aprovados (...)

A informação divulgada também destaca que **dos postulantes** 7 mil 420 têm nível de pós graduação, **dos quais** 204 foram reprovados e 4 mil 562 necessitam, segundo a prova, uma "nivelação". Pelo contrário, 4 mil 513 professores não graduados foram aprovados e 811 reprovados.

Publicado em La Jornada, 24 de agosto de 2009, pag. 37

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 7

Artigo de jornal

Mais de 5 mil professoras e professores não obtiveram 25 acertos de 80 questões; passaram apenas 30 mil.

FORAM REPROVADOS NOS EXAMES PARA VAGAS DOCENTES 75% **DAS PESSOAS ASPIRANTES**, INDICAM OS RESULTADOS.

De acordo com os resultados do exame nacional para vagas de docentes, 92.770 **professoras e professores** (74,9 por cento) foram reprovados ou foram enviados a cursos para sua nivelação acadêmica, enquanto apenas 31 mil e 86 docentes (25,1 por cento) foram aprovados na avaliação.

Este ano, o número de **pessoal docente** recusado foi maior que **o reprovado** em 2008, quando 47 mil 809 professores (67 por cento) não passaram na prova e 23 mil 245 (23,7 por cento) foram aprovados (...)

A informação divulgada também destaca que **das pessoas postulantes** 7 mil 420 têm nível de pós graduação, **das quais** 204 foram reprovadas e 4 mil 562 necessitam, segundo a prova, uma "nivelação". Pelo contrário, 4 mil 513 **professores e professoras** não graduados foram aprovados e 811 reprovados.

Publicado em La Jornada, 24 de agosto de 2009, pag. 37

Documento 8

Esta terceira edição do Manual Cidadão referenda o compromisso da Secretaria de Desenvolvimento Social de trabalhar com estrito apego aos princípios da ética pública. Queremos que a política social seja um espaço onde a opacidade não tenha lugar e onde cada ação gere bens públicos, confiança e legitimidade. Quando se desvia um recurso, quando se politiza um programa com fins eleitorais, quando se manipula uma lista de beneficiários, se está afetando aos mais pobres. Eles são os que pagam mais caro a violação do Estado de direito. A corrupção não apenas privatiza recursos públicos, mas se constitui em uma fonte de injustiça e aprofunda as brechas de desigualdade. Para garantir um manejo honesto e transparente da política social não faz falta criar pesadas estruturas burocráticas, mas sim dotar os cidadãos de instrumentos que lhes permitam participar ativamente na supervisão, controle e acompanhamento da destinação e alocação dos recursos federais dos programas sociais. Esse é o propósito deste Manual Cidadão, uma eficaz ferramenta que pomos nas mãos dos beneficiários dos programas, das comunidades e da sociedade civil para que possam verificar como são feitas as coisas na política social.

Por isso, o propósito fundamental da política social é que cada indivíduo e cada família alcance um desenvolvimento humano integral.

O Programa Nacional de Desenvolvimento Social 2001-2006. Superação da Pobreza: Uma Tarefa com Você sintetiza os objetivos da política social do governo da República.

1. Reduzir a pobreza extrema
2. Gerar igualdade de oportunidades para os mais vulneráveis*

ALTERNATIVAS AO DOCUMENTO 8

Manual Cidadão pode ser trocado por... Manual de Cidadania ou Manual da Cidadania

Os beneficiários... podemos substituir por... pessoas beneficiadas ou aqueles que se beneficiam de...

Cada indivíduo será substituído por... cada pessoa

Os mais vulneráveis pode-se trocar por... pessoas vulneráveis ou grupos em situação de vulnerabilidade.*

NOTA: Embora a expressão “vulneráveis” não esteja relacionada estritamente com a linguagem (salvo no que respeita ao uso do artigo “os” antes do adjetivo) queremos fazer uma sugestão que nos parece útil, principalmente na administração.

Refere-se ao fato de haver palavras que vão pondo, com o seu uso, as pessoas em um determinado nível social do imaginário coletivo que as deteriora como pessoas e as desvaloriza. Assim, quando dizemos "os vulneráveis" pareceria que estamos falando de um setor da população que nasceu assim, que pertence a esse grupo ou área social e que já parece estar no lugar que lhe corresponde.

Queremos matizar aqui a necessidade de mudar essa imagem e sugerir que não usemos esse termo na forma como o fazemos, pois embora haja pessoas que estão em situações precárias, injustas, de extrema pobreza, não estão nessa condição por sua vontade, mas por uma questão social, econômica ou cultural que não depende estritamente delas. Ou seja, a sociedade injusta, a iniqüidade, a falta de garantias aos seus direitos têm sido as causas de que hoje, um grande setor da população esteja (e não seja) vulnerável ou marginalizado.

Documento 9

Resenha de livros e manuais

Criar e cuidar de uma horta escolar. Um manual para professores, pais **e comunidades**. Roma 2006, 208 páginas. ISBN 978-92-5-305408-4. Uma nutrição e uma educação adequadas são essenciais para o desenvolvimento **dos meninos** e para seus futuros meios de vida. . No entanto, a realidade à qual se enfrentam milhares de **meninos** é que essas necessidades primordiais estão longe de ter sido satisfeitas. . As escolas podem fazer uma contribuição importante aos esforços de um país para combater a fome e a desnutrição, e as hortas escolares podem ajudar a melhorar a nutrição e a educação **dos meninos** e de suas famílias, tanto nas zonas rurais como nas urbanas. A FAO promove a criação de hortas escolares concebidas como uma plataforma de aprendizagem e também como veículo de uma melhor nutrição. A Organização estimula as escolas a estabelecer hortas de tamanho médio, com fins didáticos, que possam ser facilmente manejadas pelos próprios **alunos, professores e pais**, mas que assegurem também a produção de uma variedade hortaliças e frutas nutritivas (e quando for possível, de pequenos animais de granja como galinhas e coelhos). Os métodos de produção expostos neste manual são simples, de modo que **os escolares e seus pais** possam reproduzi-los facilmente em suas casas.

Guia de Nutrição da Família. Por Ann Burgess, Peter Glasauer, Roma 2006, 150 páginas. ISBN 92-5-305233-3. O Guia de nutrição da família está orientado a melhorar a alimentação e a nutrição das famílias de países em desenvolvimento. Foi elaborada para **trabalhadores da saúde, nutricionistas, extensionistas agrícolas** ou outras pessoas que realizam atividade de educação em nutrição com a comunidade. Também é útil para mães ou pessoas que têm a seu cargo o cuidado com a família que queiram saber

mais sobre a alimentação familiar, e para a capacitação de **trabalhadores comunitários.** O guia está dividido em 11 temas que cobrem nutrição básica, segurança alimentar familiar, planos de alimentação, higiene dos alimentos e necessidades especiais de alimentação de **meninos**, mulheres, homens e de pessoas adultas doentes e/ou desnutridas, os conteúdos sobre nutrição de cada tema são complementados com sugestões que descrevem as etapas necessárias para preparar uma sessão educativa e promover a participação das pessoas, famílias e grupos comunitários.

http://www.fao.org.mx/index_archivos/Publicaciones.htm

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 9

Nestas resenhas de manuais e guias publicados pela FAO, Fundo para a Alimentação das Nações Unidas em seu site, pode-se observar também a utilização de uma linguagem masculina que, portanto, torna invisíveis as mulheres.

A alternativa a este documento seria:

Os professores: substituir por professorado ou corpo docente

Os pais: substituir por as mães e os pais

Os trabalhadores da saúde, nutricionistas, extensionistas agrícolas: substituir por as pessoas que trabalham na saúde, na nutrição e na extensão agrícola.

Trabalhadores comunitários: substituir por pessoas que trabalham na comunidade.

Os meninos: substituir por as crianças ou os meninos e as meninas.

Documento 10

Ações em favor dos camponeses 2003-2004

ALTERNATIVA**: Ações em favor do campesinado 2003-2004**

Ações em favor dos idosos 2002-2003

ALTERNATIVA**: Ações em favor das pessoas idosas 1002-2003**

Documento 11

Comunicado de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) 2009. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

“Superando barreiras: Mobilidade e Desenvolvimento Humano”

- O México sobe um posto no Índice de Desenvolvimento Humano devido a maiores ganhos médios e uma melhoria na alfabetização **dos adultos.**

O PNUD recomenda através deste informe que as políticas migratórias ampliem as liberdades das pessoas em lugar de controlar ou restringir o movimento humano.

México, D.F. 05 de outubro de 2009: Teve lugar na Residência Oficial de Los Pinos, na presença do Senhor Presidente da República Mexicana, o Lic. Felipe Calderón, o lançamento para a América Latina e o Caribe do Informe Global de Desenvolvimento Humano 2009, realizado pelo programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (...)

Nesse informe, o México subiu um posto no Índice de Desenvolvimento Humano devido a maiores ganhos médios e uma melhoria na alfabetização **dos adultos.** O México está 10 postos acima de sua média de esperança de vida e vinte postos acima em desnutrição de menores de cinco anos. Mas o país acumula atrasos em igualdade de gênero, trate-se da esperança de vida, da alfabetização ou da escolarização das meninas, bem como da representação política das mulheres (...)

Em todo o mundo, os Estados Unidos estão apelando à solidariedade social nestes tempos difíceis. México, América Latina e o mundo debatem a maneira de enfrentar a pobreza gerada pelas múltiplas crises. No México se faz um apelo para que a sociedade seja solidária uma vez que existem populações vulneráveis: por exemplo, um milhão de **mexicanos** que já não recebem remessas de seus parentes migrantes, que não podem esperar que a economia se recupere.

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 11

Os adultos: substituir por as pessoas adultas

Mexicanos: substituir por mexicanos e mexicanas ou pessoas mexicanas

Documento 12

Servidor público da Sedesol:

Você é o principal convidado!

Atualmente para as principais organizações competitivas, é fundamental enfatizar a gestão estratégica de seu capital intelectual. Dada a responsabilidade social encomendada a Sedesol, ela necessita gerir de maneira estratégica o grande capital intelectual com que conta. E você forma parte desse capital!

A Direção Geral de Organização preparou um importante evento de capacitação, no qual você é o convidado mais importante!

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 12

VOCÊ É A PESSOA CONVIDADA!
Pessoal que trabalha em Sedesol
---
no qual você é a pessoa convidada mais importante!

Documento 13

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL
OFICIAL MAIOR
DIREÇÃO GERAL DE RECURSOS HUMANOS DIREÇÃO DE NEGOCIAÇÃO, PROCEDIMENTOS E GESTÃO INTERNA
OFÍCIO 412.3-2774

México, D.F., 10 de novembro de 2005

Senhor

PRESENTE

Em atenção ao seu ofício Nº DO0140/094/2005, datado de 31 de outubro do presente ano, mediante o qual solicita um espaço dentro dos escritórios centrais desta Dependência, para realizar às terças e quintas, das 9 às 11 horas, reuniões dos Grupos de reflexão de Mulheres Chefes de Família da SEDESOL, para oferecer apoio psicológico institucional em forma gratuita às trabalhadoras desta Secretaria, para o qual foram contemplados dois grupos que receberão de 8 a 10 sessões nos dias e horários citados.

Comunico-lhe que devido ao programa de capacitação determinado para este ano, as salas destinadas para esse fim se encontram ocupadas na parte da manhã: no entanto, a partir das 15 horas ficam a sua disposição para realizar as reuniões de apoio psicológico institucional.

Não omito mencionar-lhe que com fundamento no artigo 31, item IV do regulamento Interno da Secretaria, as trabalhadoras que participarem dos Grupos de Reflexão de Mulheres Chefes de Família de SEDESOL devem registrar sua presença nos controles que sejam destinados para esse fim, os mesmos que devem ser validados pela Direção a seu cargo e remetidos à Direção Geral de Recursos Humanos para seu registro nos controles de presença das trabalhadoras em questão.

ALTERNATIVA AO DOCUMENTO 13

De novo vemos neste documento como quando se trata de uma reunião específica para mulheres, são utilizadas palavras que deixam claro a que nos estamos referindo. Nesse caso, inclusive se especifica para que grupo de

mulheres estão pedindo as salas. Essa clareza deveria ser utilizada sempre que se trate de grupos de mulheres ou de grupos em que haja mulheres e homens.

O documento só tem uma pequena falha no início. E é que apesar de quem escreve o ofício sabe perfeitamente que vai dirigido a uma mulher, o título é posta a abreviatura utilizada no masculino: LIC. Quando o correto seria LICENCIADA.

BIBLIOGRAFIA E ANEXOS

Adrianne Rich. (1983). Sobre mentiras, secretos y silencios. Barcelona: Icaria.

Carmen Alario et al. (1997). Nombra, la representación del femenino y el masculino en el lenguaje.

Madrid: Instituto de la Mujer.

Cristina Pérez Fraga. (1997). El género como metáfora sexual. En jornadas las mujeres y los medios de comunicación. Madrid: Dirección General de la Mujer, Consejería de Sanidad y Servicios Sociales y Comunidad de Madrid. Pp 129-133.

De mujeres y diccionarios. (2004). Evolución de lo femenino en la 22ª. Edición del DRAE. Madrid:

Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. Instituto de la Mujer.

Diccionario consultor Espasa. (2001). Madrid: Ed. Espasa Calpe.

Eulalia Lledó López. (1992). El sexismo y el androcentrismo en la lengua. Análisis y propuestas de cambio. Barcelona: ICE. Universidad Aútonoma de Barcelona.

María Moliner. (1966). Diccionario de uso del español. Gredos. 2 vols. Madrid: DUE.

María J. Escudero, Pulido, Mara y Venegas, Paki. (2003). Guía didáctica Un mundo por compartir.

Granada: ASPA.

Mª Luisa Calero. (2002). Del silencio al lenguaje (perspectivas desde la otra orilla). En Femenino y en Masculino. Madrid: Instituto de la mujer. Pp 7-11.

Mercedes Bengoechea. (2002).Una propuesta de manual de crítica textual desde la lingüística feminista. En Femenino y en Masculino. Madrid: Instituto de la mujer. Pp 61-64

Teresa Meana. (2004). Palabras no se las lleva el viento... Por un uso no sexista de la lengua. Valencia: Ayuntamiento de Quart de Poblet.

Organización Panamericana de la Salud. (1997). Taller sobre género, salud y desarrollo: guía para facilitadores. Washington: OPS.

Paki Venegas. (2004). Voces de mujeres inmigrantes: educación intercultural desde una perspectiva de género. Granada: EQUAL-ITACA.

Varias autoras. (2002) En femenino y en masculino. Cuaderno de educación no sexista número 8.

Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales. Instituto de la Mujer.

ANEXOS

Nota da Tradutora: Como esse material foi preparado no e para o México, os anexos correspondem às respostas a algumas consultas realizadas à RAE (Real Academia Espanhola). Mas muita coisa serve também para a língua portuguesa, uma vez que os dois idiomas têm a mesma origem. Em alguns casos que não correspondiam exatamente ao português, como no caso de palavras terminadas em "y" ou "on" busquei exemplos semelhantes para facilitar a compreensão das nossas leitoras.

Consulta 1.

Sobre a formação do feminino, lhe enviamos a informação que aparecerá no artigo gênero do Dicionário Pré-hispânico de Dúvidas, que será publicado proximamente.

Formação do feminino em profissões, cargos, títulos ou atividades humanas. Embora no modo de marcar o gênero feminino nos substantivos que designam profissões, cargos, títulos ou atividades influem tanto questões puramente formais – a etimologia, a formação do masculino, etc. como condicionamentos de tipo histórico e sócio-cultural, especialmente trate-se ou não de profissões ou cargos desempenhados tradicionalmente por mulheres, podem-se estabelecer as seguintes normas, atendendo unicamente a critérios morfológicos:

a) Aqueles cuja forma masculina acaba em "o" formam normalmente o feminino substituindo esta vogal por "a": bombeiro/bombeira, médico/médica, ministro/ministra/odontólogo/odontóloga.

Há exceções como piloto, modelo ou recepcionista que funcionam como comum s; o/a piloto, o/a modelo; o/a testemunha; o/a recepcionista (não deve ser considerada uma exceção o substantivo réu, cujo feminino etimológico e ainda vigente no uso é ré, embora funcione também como comum: a réu.

Também funcionam normalmente como comuns is que procedem de redução: o/a fisio; o/a otorrino. Em alguns casos, o feminino apresenta a terminação culta lsa (do latim issa) por vir diretamente do feminino latino formado com esse sufixo: diácono/diaconisa.

b) Os que acabam em “a” funcionam em sua imensa maioria como comuns: o/a atleta; o/a cineasta; o/a guia; o/a logopedista; o/a terapeuta; o/a pediatra. Em alguns casos, o feminino apresenta a terminação culta: profetisa, papisa.

No caso de poeta, existem ambas as possibilidades: a poeta/poetisa. Também tem dois femininos a palavra guarda, embora com matizes diversos: guarda/guardiã. São também comuns em quanto ao gênero substantivos formados com o sufixo “ista”; o/a ascensorista; o/a eletricista; o/a taxista. É excepcional o caso de modista, que a partir do masculino normal o modista gerou o masculino regressivo modisto.

c) Os que acabam em “e” tendem a funcionar como comuns em consonância com os adjetivos com essa mesma terminação, que costumam ter uma única forma (afável, alegre, pobre, imune, etc.): o/a amanuense; o/a cicerone; o/a ourives. Alguns têm formas específicas através de sufixos “esa”, “isa” ou “ina”: alcaide/alcaidessa; conde/condessa; duque/duquesa; herói/heroína; sacerdote/sacerdotisa (embora sacerdote também se use como comum: a sacerdote). Em alguns poucos casos se geraram femininos em “a”: chefe/chefa; alfaiate/alfaiata; cacique/cacica.

Dentro deste grupo estão também os substantivos terminados em “ante” ou “ente”, procedentes em grande parte de particípios presentes do latim e que funcionam em sua maioria como comuns, em consonância com a forma única dos adjetivos com essas mesmas terminações: complacente, inteligente, pedante, etc.); o/a agente; o/a palestrante; o/a estudante. Não obstante, em alguns casos se generalizou o uso feminino como clienta, dependenta ou presidenta. Ás vezes se usam ambas as formas, com matizes significativos diversos; a governante (mulher que dirige um país); a governanta (mulher que dirige uma casa, um hotel ou uma instituição, mulher que tem a seu cargo o pessoal de serviço)

d) Os poucos que terminam em “im” ou em “u” funcionam também como comuns: o/a manequim; o/a guru.
e) Quanto aos terminados em “i”, o feminino de rei é rainha, enquanto os que formam modernamente esta terminação funcionam como comuns: o/a jóquei.
f) Os que acabam em “or” formam o feminino acrescentando “a”: compositor/compositora; escritor, escritora; professor, professora, governador/governadora. Em alguns casos o feminino apresenta a terminação culta “triz” (do latim “trix”, “trices”) por vir diretamente de termos latinos formados em esse sufixo: ator/atriz; imperador/imperatriz.
g) Os que acabam em “ar ou “er” , assim como os poucos que terminam em “ir” ou “ur” funcionam hoje normalmente como comuns, embora em alguns casos existam também femininos em “esa” ou em “a”: o/a

auxiliar; o/a militar; o/a líder (raramente lideresa; o/a chofer (raramente choferesa) o/a bacharel (hoje é raro bacharela); o/a faquir.

h) Os agudos terminados em "n" e em "s" formam normalmente o feminino acrescentando um "a": marquês/marquesa; deus/deusa. (N. da tradutora: com terminação em "n" não há palavras em português para dar exemplo. Em espanhol temos anfitrión/anfitriona; bailarín/bailarina; guardián/guardiana. As exceções são: barón/baronesa; histrión/histrionesa) Também estão fora dessa regra a palavra refém (em espanhol rehén) o/a refém. Par sua parte, as palavras não agudas com essa terminação funcionam como comuns: o/a barman.

i) Os que terminam em "l" ou "z" tendem a funcionar como comuns; o/a cônsul; o/a capataz; o/a juiz; o/a porta-voz, em consonância com os adjetivos terminados com as mesmas consoantes que têm, salvo raríssimas exceções , uma única forma, válida tanto para o masculino como para o feminino: dócil , brutal, soez, feliz (não existem as formas femininas: dócila, brutala, soeza, feliza) Não obstante, alguns desses substantivos desenvolveram com certo êxito um feminino em "a"como é o caso de: juiz/juíza; aprendiz/aprendiza; bedel/bedela.

j) Os terminados em consoantes diferentes das assinaladas nos parágrafos anteriores funcionam como comuns: o/a chefe; o/a pivô. Excetua-se a forma abade cujo feminino é abadessa. É especial é caso de hóspede, embora atualmente se prefira seu uso como comum: o/a hóspede. Seu feminino tradicional é hóspeda.

k) Independentemente de sua terminação, funcionam como comuns os nomes que designam graus da escala militar: o/a cabo; o/a brigadeiro/ o/a tenente; o/a capitão; o/a coronel; o/a alferes. Os substantivos que designam pelo instrumento o músico que o toca. o/a bateria; o/a corneta; o/a contrabaixo; e os substantivos compostos que designam pessoas/ o/a manda-mais; um/uma caça-talentos; um/uma sabe-tudo.

Segunda consulta

Gênero

1. Os substantivos em espanhol (e em português também) podem ser masculinos ou femininos. Quando o substantivo designa seres animados, o mais habitual é que exista uma forma específica para cada um dos dois gêneros gramaticais, correspondendo à distinção biológica dos sexos, seja pelo uso de desinências ou sufixos distintivos de gênero acrescentados a uma mesma raiz, como ocorre com gato/gata; professor/professora; menino/menina; conde/condessa; czar/czarina; seja pelo uso de palavras de diferente raiz segundo o sexo do referente (heteronímia) como ocorre em homem/mulher; cavalo/égua; genro/nora; não obstante são muitos os casos em que existe uma forma única, válida para referir-se de um ou outro sexo: é o caso dos substantivos comuns quanto ao gênero (ver o item [a]) e o dos chamados substantivos

epicenos (ver o item [b]), Se o referente do substantivo é inanimado, o normal é que seja só masculino (quadro, gramado, dia) ou só feminino (mesa, parede, libido), embora exista um grupo de substantivos que possuem ambos os gêneros, os denominados “substantivos ambíguos quando ao gênero” (ver item [c]).

a) Substantivos comuns quanto ao gênero. São os que designando seres animados têm apenas uma forma, a mesma para os dois gêneros gramaticais. Em cada enunciado concreto o gênero do substantivo que corresponde ao sexo do referente é sinalizado pelos determinantes e adjetivos com variação genérica: o/a pianista; esse/essa psiquiatra; um bom/uma boa profissional. Os substantivos comuns se comportam nesse sentido de forma análoga aos adjetivos de uma só terminação como: feliz, dócil, confortável, etc. que se aplicam, sem mudar de forma, a substantivos tanto masculinos como femininos. Um pai/uma mãe feliz; um cachorro/uma cachorra dócil; uma cadeira, um sofá confortável.
b) Substantivos epicenos. São os que designando seres animados têm uma forma única à qual corresponde apenas um gênero gramatical, para referir-se indistintamente a indivíduos de um ou outro sexo. Neste caso o gênero gramatical é independente do sexo do referente. Há epicenos masculinos (personagem, rebento, tubarão, lince) e epicenos femininos (pessoa, vítima, formiga, perdiz). A concordância deve ser estabelecida sempre em função do gênero gramatical do substantivo epiceno e não em função do sexo do referente. : assim deve-se dizer “a vítima, um homem jovem, foi transferida para o hospital mais próximo” e não “a vítima, um homem jovem, foi transferido para o hospital mais próximo”. No caso de epicenos de animal se agrega a especificação macho ou fêmea quando se deseja tornar explícito o sexo do referente: “A orca macho permanece perto da nascente... saracoteada pelas águas de cor esverdeada” (Bojo RGE Aventura [Arg. 1992])
c) Substantivos ambíguos quanto ao gênero. São os que designando normalmente seres inanimados, admitem seu uso em um e outro gênero, sem que isso implique mudança de significado. : o/a dracma; o/a vodca. Normalmente a eleição de um ou outro gênero vai associada à diferença de registro ou de nível da língua, ou tem a ver com preferências dialetais, setoriais ou pessoais. Não devem ser confundidos com os substantivos ambíguos quanto ao gênero nos casos que o emprego de uma mesma palavra em masculino ou em feminino implica mudança de significado: “o cólera” (doença); “a cólera” (ira); “o editorial” (artigo de fundo de um jornal); “a editorial” (casa editora). Entre os substantivos ambíguos apenas cobaia e ánade (pato em espanhol) designam seres animados.

3ª consulta

RAE - Resultado da lista de Gramática Usual (do latim grammatica)

1. f. Ciência que estuda os elementos de uma língua e suas combinações
2. f. Tratado desta ciência. A biblioteca tem uma boa coleção de gramáticas
3. f. Gramática normativa
4. f. Arte de falar e escrever corretamente uma língua
5. f. Livro em que se ensina
6. f. Antigamente, estudo da língua latina. ~ comparada

1.f. A que estuda as relações que podem ser estabelecidas entre duas ou mais línguas ~ descritiva
1.f. Estudo sincrônico de uma língua sem considerar os problemas diacrônicos ~ especulativa
1.f.Modalidade da gramática que foi desenvolvida pela filosofia escolástica, que trata de explicar os fenômenos lingüísticos por princípios constantes e universais ~ estrutural
1.f. Estudo de uma língua regido pelo princípio de que todos os seus elementos mantêm entre si relações sistemáticas ~ estrutural
1.f. A que se baseia no estudo das funções dos elementos que constituem uma língua ~ geral
1.f. Aquela que trata de formular uma série de regras capazes de gerar ou produzir todas as orações possíveis e aceitáveis de um idioma ~ histórica
1.f. A que estuda as evoluções que uma língua experimentou ao longo do tempo ~ normativa
1.f. A que define os usos corretos de uma língua mediante preceitos ~ parda
1.f. coloq. Habilidade para conduzir-se na vida ou sair salvo ou com vantagem de situações comprometidas ~ tradicional
1.f. Corpo de doutrina gramatical constituído pelas idéias que sobre a linguagem e seu estudo contribuíram os filósofos gregos e que se desenvolveu, nos séculos posteriores, praticamente até a aparição da gramática estrutural, na primeira metade do século XX ~ transformacional , ou ~ transformativa
1.f. A que sendo generativa, estabelece que de um esquema de oração se passe a outro ou outros pela aplicação de determinadas regras.

RAE –Usual. Resultado da Lista de Usual nome (Do latim: nomen – inis)

1.m. Palavra que designa seres ou identifica seres animados ou inanimados. por exemplo: homem, casa, virtude, Caracas.
2.m. Nome próprio
3.m. Fama, opinião, reputação ou crédito
4.m. Gram. Classe de palavras com gênero inerente que pode funcionar sozinha ou com algum determinante, como sujeito da oração.

5.m. Gram. Tradicionalmente, categoria de palavras que compreende o nome substantivo e o nome adjetivo.

1.m. Gram. Nome comum quando ao gênero ~ comum quanto ao gênero

2.m. Gram. O que possui gênero gramatical determinado e é construído com artigos, adjetivos e pronomes masculinos e femininos para se referir a pessoas de sexo masculino e feminino respectivamente. Por exemplo: o mártir e a mártir; o artista e a artista.

Equipe de trabalho

Nós, que elaboramos este manual somos mulheres interessadas em construir uma sociedade mais equitativa para as mulheres e para isso consideramos fundamental ter uma idéia a mais clara possível da realidade. Por isso o empenho em que a descrição do mundo, da vida cotidiana seja adequada com a vida real.

Com a proposta de alternativas para uma linguagem não sexista acreditamos contribuir com "um grãozinho de areia" para que a transformação social que necessitamos avance a partir de todos os lugares e aspectos da vida.

Estamos convencidas que, ao falar com maior clareza, sem excluir, discriminar e julgar as mulheres, será um benefício para todas as pessoas. Não só para as mulheres, mas para a sociedade em seu conjunto.

As autoras deste documento:

Paki Venegas Franco. Pedagoga e Mestre em Estudos da Mulher. Tem trabalhado com diferentes organizações não governamentais em temas de gênero e desenvolvimento. Também publicou diversos artigos sobre gênero, empoderamento e saúde reprodutiva e três guias didáticos. "Um mundo para compartilhar: a educação para o desenvolvimento desde o enfoque de gênero"; "Vozes de mulheres imigrantes, a educação intercultural desde uma perspectiva de gênero"; e "Equidade de gênero em saúde: manual para coordenar oficinas de sensibilização".

Julia Pérez Cervera. Graduada em Direito, Mestre em Gênero e Desenvolvimento. Integrante do Grupo de Educação Popular com Mulheres (GEM), responsável da linha "Acesso à Justiça e Cidadania". Fundadora e co-cordenadora de Defesa Jurídica e educação para Mulheres (Vereda Themis).

Também queremos deixar aqui o nosso agradecimento à Sra. Teresa Meana, filóloga, lingüista e incansável mulher na luta por impulsionar uma linguagem não sexista, que nos proporcionou documentos e textos fundamentais para este trabalho. Nosso agradecimento à Sra. Ana Mañeru incondicional nessas tarefas, que também nos facilitou este trabalho com suas contribuições, trabalho e apoio solidário.

Oxalá este material seja útil e com as sugestões e contribuições que nos façam chegar desde qualquer lugar que seja, possamos ir enriquecendo e melhorando permanentemente. Desde já agradecemos a quem nos ajudar.

"Porque las palabras no se las lleva el viento"

Teresa Meana

vereda Themis

Fondo de Desarrollo de las Naciones Unidas para la Mujer
UNIFEM